



Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



Senhor dos desejos

Missão
**Para que o
mundo creia**

**Idéias para organizar
a semana da colheita**

EXPLORANDO O APOCALIPSE

Como entender e interpretar o último livro da Bíblia



James A. Cress

Secretário ministerial
da Associação Geral
da IASD

NO VAIVÉM DA ARCA

Aproximadamente 25 anos atrás, comecei a colecionar objetos relacionados com a arca de Noé. Hoje, visitantes que chegam à sede da Associação Geral apreciam a minha exposição que ocupa considerável espaço em meu local de trabalho. Depois que vão embora, muitas pessoas enviam novos itens sobre o assunto. E assim, a coleção cresce.

Alguns meses atrás, recebi um cartum no qual um pica-pau aparece picando a arca. O quadro continha ditos que, acredito, merecem reflexão:

Não perca o barco. Muitos assuntos urgentes prendem nossa atenção e nossas atividades. Porém, devemos priorizar as coisas que Jesus prioriza no sentido de preparar-nos e preparar um povo para Sua volta. Quão trágico seria perder o barco!

Estamos no mesmo barco. Não raro, parece mais fácil competir do que cooperar. Esta atitude de “eu versus ele” pode destruir nossa influência individual e nosso impacto corporativo.

Planeje com antecedência. Não estava chovendo quando Noé construiu a arca. Se a ordem é a primeira lei do Céu, então, planejar se torna essencial; quer a longo prazo visando ao crescimento da igreja, quer a curto prazo quanto a sermões e programas. A diligência em planejar atrai a criatividade e a cooperação dos nossos liderados.

Não ligue para o pica-pau. Não permita que alguns queixosos detenham a congregação na marcha para os seus objetivos, com repetitivos golpes de oposição. Se a maioria avança com você, não se preocupe muito com o pica-pau.

Inclua todos. Precisamos ministrar às crianças e aos jovens, envolvendo-os nas atividades, bem como honrar, valorizar e usar a contribuição dos mais velhos, cujos tempo e talentos sustentam o trabalho da igreja.

Releve as críticas. Se você permitir que céticos e zombadores dirijam sua agenda, pouco ou nada será feito. Porém, se, como Neemias, estiver ocupado com assuntos importantes, o barulho dos críticos cessará e eles até poderão se unir ao trabalho. Jamais desça ao nível deles.

Construa o futuro. Focalize a eternidade; trate das

grandes questões. Não fique discutindo a cor do carpete, quando temas de grande magnitude são negligenciados. O mesmo é válido para relacionamentos. Líderes pensantes falam de idéias e observam as pessoas. Reacionários falam de pessoas e observam as idéias.

Trabalhe em equipe. Esse é o plano de Jesus. Faça isso por razões de segurança (de sua pessoa e reputação) e de sucesso (dois fazem mais do que um, e aprendem mutuamente). Inclua sua esposa nessa parceria.

Não tenha pressa. Quanto mais valioso for um projeto, mais tempo requererá para ser concretizado. Conquistas progressivas podem ser mais importantes do que uma conclusão apressada. Consistência é a medida da fidelidade.

Descanse. Atividade frenética não é sinal de importância nem de sabedoria. Nenhum pastor jamais foi tão ocupado quanto Jesus. No entanto, Ele reservava tempo regular para retiro espiritual, interação social e repouso. Tire férias. Se você é tão teimoso a ponto de imaginar que não necessita delas, sua esposa e os membros da igreja percebem o contrário.

A arca foi construída por amadores; o Titanic, por profissionais. As especificações do design da arca foram enunciadas e indicadas por Deus. Nada nem ninguém pode limitar a efetividade de amadores que executam o plano de Deus.

Espere a bonança. Não importa quão violento seja o temporal. Ao lado de Deus, sempre haverá bonança. Nesta vida, o povo de Deus experimenta muitas turbulências. O mundo melhor, o reino de Deus, ainda está num futuro muito próximo. Portanto, mantenha a esperança e a calma. Lembre-se da promessa de Jesus: “agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar” (João 16:22).

Não se desespere. O único fator que tornava a vida tolerável a bordo da arca cheia de bichos malcheirosos era a certeza de que, do lado de fora, tudo era muito pior. Se as circunstâncias parecem esmagadoras e os problemas se multiplicam, lembre-se de que, fora do barco, a situação pode ser pior.

*“Junto de Deus,
sempre há bonança;
portanto, mantenha
a calma”*



Zinaldo A. Santos

UM LIVRO ABERTO

Em suas tentativas de contrapor-se a Deus e manter o ser humano afastado dEle, ignorante quanto à verdade salvadora e à soberania divina exercida na História, o inimigo tem espalhado a idéia de que o Apocalipse é um livro fechado, impossível de ser entendido. Porém, embora muitos estudiosos encontrem dificuldade para entender esse livro, com seus misteriosos símbolos e sua linguagem profética, ele não é um tabu indefinido na sombra de um futuro impossível de ser descortinado. A Escritura, a partir das profecias do Antigo Testamento e passando pelos evangelhos, contém a chave para abri-lo ao entendimento de todo pesquisador sincero. E o próprio termo “Apocalipse” (do grego *apokalypsis*) significa revelação.

Ninguém que leve a sério o estudo da Bíblia descartará ou minimizará a importância de compreender e interpretar corretamente o Apocalipse. Sua mensagem revela certa proximidade entre Céu e Terra. Nela, o cosmos surge banhado com um senso do divino, a humanidade não é deixada ignorante a respeito daquilo que é transcendente, pois o Soberano do Universo comunica-Se conosco. Em virtude de que o Apocalipse é a “revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu”, sua mensagem tem autoridade celestial e tem implicações diretas na vida de todo indivíduo.

Falando sobre a importância de estudarmos as profecias contidas nos livros de Daniel e Apocalipse, Ellen White diz que “a verdade brilhou como o Sol ao meio-dia. Acontecimentos históricos, mostrando o

direto cumprimento da profecia, foram expostos ao povo, e viu-se que ela era um esboço figurado de acontecimentos conducentes ao encerramento da história terrestre”. E enfatiza: “Há grande necessidade de examinar o livro de Daniel e o de Apocalipse, e aprender cabalmente os textos, para que possamos saber o que está escrito.” – *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, págs. 102 e 392.

O Apocalipse abre nossa visão às realidades atuais. Põe-nos em contato com um Deus que tem as chaves da História, conhecendo o passado, presente e futuro. Um Deus cuja existência e domínio são eternos, que é Todo-poderoso, onisciente, inigualável em graça e que opera tão-somente em função do bem-estar de Seus filhos. O Deus do Apocalipse não é ausente nem imprevisível. Os crentes podem descansar na segurança de que Ele conduz todas as coisas sob Seu controle.

Justamente por isso, buscar evasivas para não mergulhar fundo, ou para simplesmente nadar na superfície dessa fonte, é bem pouco satisfatório para o obreiro “que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”. Tendo em mente essa realidade, oferecemos aos leitores, a partir desta edição, uma série de três artigos que apontam trilhas seguras para melhor aprofundamento na compreensão do último livro da Bíblia. Eles são de autoria do eminente teólogo adventista Hans K. LaRondelle.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 77 – Número 01 – Jan./Fev. 2006
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Bueno e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos S. Santos
Capa: Montagem de Marcos S. Santos sobre foto de Daniel de Oliveira e ilustração de João Luiz Cardoso

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón; Ranieri B. Sales;
Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Acilio Alves Filho; Arlindo Guedes;
Barito Lazo; Cícero F. Gama;
Francisco Carlos Bussons;
Guillermo Rojas; Ivanauo B. Oliveira;
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;
Moisés Rivero; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970
Brasília, DF

Tiragem: 5.300 exemplares
5499/14942



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

- 11 LIÇÕES DE UMA PRECE**
Estudo devocional sobre a oração do Senhor.
- 14 PARA QUE O MUNDO CREA**
Teóloga mostra o segredo para o êxito da missão.
- 17 EXPLORANDO O APOCALIPSE**
Como entender e interpretar o último livro da Bíblia.
- 21 CAMINHO PARA A EFICÁCIA**
Sugestões para aprimorar o funcionamento dos pequenos grupos.
- 23 SENHOR DOS DESEJOS**
Um recurso infalível para ter domínio próprio.
- 26 TEMPO DE COLHER**
Idéias para realizar duas semanas anuais de colheita.
- 29 MAIS QUE UM DESAFIO**
Análise do pós-modernismo e suas possibilidades missionárias.

Seções

- 2 SALA PASTORAL**
- 3 EDITORIAL**
- 4 CARTAS**
- 5 ENTREVISTA**
- 8 AFAM**
- 9 PONTO DE VISTA**
- 32 MURAL**
- 34 RECURSOS**
- 35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO**

“Vejo a igreja como uma orquestra. Seguimos a mesma partitura – a Palavra de Deus – mas tocando instrumentos diferentes. Dessa forma, há um som celestial, que cresce em harmonia, esplendor e glória a Deus.” – Ralph Winters

Cartas

ARTIGOS RELEVANTES

Quero expressar meu reconhecimento e gratidão à equipe de Ministério, pelo trabalho realizado através dessa revista. Seus relevantes artigos têm contribuído para nosso crescimento pastoral. Destaco o material publicado sobre Trindade, crescimento de igreja, cristologia e liderança. Além do enriquecimento doutrinário que nos proporciona, a revista provê apoio e subsídios para sermões, estudos bíblicos e admoestações para nossas congregações.

Roberto Cristiano Monteiro, pastor em Floriano, PI

LIDERANÇA ESPIRITUAL

Simplemente fantástica! Ministério tem, a cada número, nos brindado artigos de cunho espiritual, devocional, evangelístico e administrativo sem paralelos no passado, tal a dinâmica da renovação experimentada por esse periódico. No entanto, devo admitir, como pastor e jornalista, que com a edição de novembro/dezembro de 2005, a revista superou-se, ultrapassou padrões rígidos de qualidade editorial e conteúdo prático, quebrou paradigmas. Da “Sala pastoral” ao “De coração a coração”, portanto, do início ao fim, fui alimentado, motivado e inspirado a continuar dando o meu melhor nas lides pastorais, secundado pela perspectiva da verdadeira liderança espiritual.

Destaco as seguintes frases memoráveis do texto de abertura: “Mal temos conseguido tocar a superfície da prosperidade que poderíamos experimentar, se mudássemos do conceito de chefiar para o de liderar no ambiente de trabalho.” “Tais pessoas darão suas mãos e até o cérebro ao chefe. Mas entregarão o coração apenas a um líder, e o sentimento que experimentamos quando isso acontece é algo que um chefe jamais conhecerá.” Esse artigo e os demais tocaram em nosso ponto nevrálgico. Estou certo de que nossa maior carência não é de recursos financeiros, patrimoniais ou humanos. Carecemos, sim, de verdadeiros líderes – inspirados e inspiradores – que nos conduzam para a conclusão da missão.

Elizeu C. Lira, pastor em Patos de Minas, MG

POR UMA ADORAÇÃO SIGNIFICATIVA

“O culto é a reunião de homens e mulheres na presença de Deus”

por Jonas Arrais

Daniel Oscar Plenc nasceu em Posadas, Misiones, Argentina, e foi educado em instituições adventistas desde o nível fundamental. Iniciou suas atividades ministeriais como pastor distrital. Posteriormente, tornou-se professor de Teologia na Universidade Adventista del Plata, UAP, na qual também obteve o mestrado e o doutorado em Teologia. Atualmente, além de lecionar, dirige o Centro de Investigações White nessa Universidade.

Casado com Isabel B. Ziegler, é pai de três filhos: Mariela, Ariel e Larisa. Foi durante um encontro pastoral na UAP que ele compartilhou seus conceitos sobre adoração, tema de sua tese doutoral e de um livro a ser lançado brevemente.

Ministério: *Como o senhor vê o aspecto da adoração na igreja, hoje?*

Dr. Plenc: Os chamados cultos de celebração e outros ventos de mudanças colocaram o tema sobre a mesa. Assim sendo, subitamente os adventistas se viram no meio de uma polêmica que os levou a tratar da adoração e da música cristã com inusitado interesse. Ainda não se chegou a um consenso uniforme, porém tem-se dedicado tempo à análise e se tem despertado o interesse pela renovação do culto. Em muitos lugares, ainda não foram verificadas grandes mudanças litúrgicas, mas os

pastores e os membros das igrejas estão interessados no tema. Muitos estão incomodados com a introdução de elementos estranhos no culto e demonstram necessidade de orientação. As transformações efetuadas em certos lugares têm produzido satisfação em algumas pessoas, desgosto em outras, mas também nos chamam à reflexão.

Ministério: *O que significa adorar a Deus?*

Dr. Plenc: O consenso dos estudiosos define adoração como uma resposta do ser humano redimido à iniciativa salvadora de Deus. Em geral, a Bíblia não contém definições, mas registra a vivência de homens e mulheres que deram ao Senhor uma resposta comprometida, permanente, dinâmica e prazerosa. Por sua vez, o culto é uma expressão externa, pessoal, familiar ou congregacional de adoração mediante ações concretas.

Ministério: *Quais são os principais elementos da adoração?*

Dr. Plenc: O culto também pode ser definido como um diálogo ou encontro divino-humano, cujos ingredientes fundamentais são a revelação do Criador e a resposta da criatura. Holmes os nomeia como “proclamação” (pregação) e “aclamação” (louvor). Essa é a



estrutura básica da adoração, e dentro dela devem ser colocados todos os elementos do culto, que necessitarão ser avaliados por sua eficácia na concretização desse encontro com Deus. Lutero falava de ouvir e dialogar sobre a Escritura, para, então, louvar, cantar e orar. Na proclamação, a Palavra de Deus é recebida, lida, pregada e cantada. A resposta é expressa em cântico, louvor, oração, dádivas e confissão. A igreja necessita compreender a importância desses elementos, de forma positiva e equilibrada.

Ministério: *Quais são as influências negativas que afetam a adoração?*

Dr. Plenc: A influência da cultura secular e humanista, ou da espiritualidade mística, sentimental e subjetiva. Em alguns casos, nos perturbam certas posturas radicalizadas, tendentes à crítica e ao separatismo. Às vezes essas influências se mostram no apego às formas simples, carentes de verdadeira espiritualidade, à comodidade egoísta e despreocupada de cultos improvisados e de conteúdo pobre. Muitos parecem mais interessados em assuntos psicológicos e sociais que nos grandes temas da Bíblia. Prioriza-se a confraternização e a satisfação das necessidades humanas em detrimento da reflexão, reverên-

cia e instrução. Alguns cultos e programas evangelísticos, apoiados na música cristã contemporânea, estão se tornando excessivamente emocionais e carentes do fundamento objetivo da Palavra de Deus.

Ministério: *Mas também há aspectos positivos?*

Dr. Plenc: Felizmente, sim. Em geral, o povo tende a rejeitar o formalismo e o cerimonialismo estéreis. Nas últimas décadas, tem-se desenvolvido um conceito mais integral de culto dentro do adventismo. Muitos estão percebendo que o culto é algo mais do que o sermão e que os elementos precedentes não são apenas “preliminares” de pouco valor, mas uma parte importante do culto. Muitas igrejas estão recuperando o lugar do louvor, e compreendendo o valor da adoração para a experiência religiosa. Sente-se a necessidade de cultos mais participativos, espontâneos e vitais. O intelectualismo da pregação tradicional está dando lugar à pregação que fala ao homem total, para que haja uma resposta que seja traduzida em um estilo de vida que glorifique a Deus.

Ministério: *Há alguma coisa que possa ser considerada mito na adoração?*

Dr. Plenc: Sim. Às vezes, por exemplo, cremos que a reverência significa silêncio e quietude. Não podemos negar o valor desses elementos, em momentos de reflexão e oração. Porém, no sentido bíblico, a reverência está mais relacionada a uma atitude de fidelidade e obediência à vontade divina do que permanecer nos bancos sem dar resposta alguma. Louvar implica em exclamar de modo audível nossa devoção e adoração ao Senhor. Alguns crêem que a passagem de Habacuque 2:20 – “o Senhor está no Seu santo templo; cale-se diante dEle toda a Terra” – se refere à igreja e ao culto. Porém, o profeta está falando do templo celestial, de onde Deus rege a História e o mundo. Outros costumes tradicionais, sem ser negativos em si mesmos, carecem de base bíblica, como por exemplo, mãos postas e olhos fechados na oração. A celebração trimestral da Santa Ceia foi uma reação do reformador Zuínglio à reiteiração dos cultos eucarísticos do cristianismo então prevalecente. Como adventistas, temos adotado essa e outras práticas de raiz protestante.

Ministério: *Qual é sua opinião sobre a tendência de substituir o uso do hinário pela projeção dos cânticos numa tela?*

Dr. Plenc: Essa é uma tendência forte em todas as igrejas. Já está ficando para trás o tempo em que íamos ao culto levando a Bíblia, o hinário e a lição da Escola Sabatina. Em muitos lugares, os adoradores recebem coletâneas. Em outros, os hinos são projetados na tela. O hinário tem a vantagem de estar sempre disponível para enriquecer nosso culto pessoal, familiar, ou na igreja. Contém muitos e variados hinos, com letras substanciais e melodias provadas pelo tempo. Dão sentido de unidade e identidade. Porém, além disso, creio que devemos considerar os estilos e o conteúdo das músicas religiosas atuais. Há muitos cânticos espirituais, inspiradores, belos e adequados. Ou-

“Não há espaço para individualismo no culto. Ele deve ser inclusivo, participativo e harmonioso”

tros carecem dessas virtudes. Às vezes, nos são impostos cânticos muito rítmicos, seculares, sentimentais e até sensuais. Alguns são difíceis de aprender e inadequados para o canto congregacional. O carismatismo, com sua ênfase na experiência, em lugar do conteúdo doutrinário, inunda as igrejas com músicas frequentemente pobres de valor e significado, centralizadas no homem ou dizendo pouco sobre Deus e Sua Palavra. Acredito que podemos integrar hinos tradicionais e cânticos contemporâneos, mas temos de escolher esses cânticos com base na sua riqueza poética e adequação de sua música.

Ministério: *Qual é o lugar das novas tecnologias no culto?*

Dr. Plenc: A tecnologia pode dar um grande apoio ao culto e à evan-

gelização. Oferece ferramentas úteis para despertar o interesse, chamar a atenção e gravar a mensagem na mente dos ouvintes. As projeções, transmissões via satélite e outros recursos estão sendo uma bênção para muitas pessoas. Porém, existe o perigo do mau uso ou abuso da tecnologia no culto. Pregação é a transmissão da mensagem de Deus aos homens, através do pregador. Portanto, a Bíblia não deve ser substituída pelo computador, ainda que o computador contenha a Bíblia. Os simbolismos aqui são importantes, e a Escritura não deve ser desprezada. O pregador pode repassar ou ressaltar parte de sua mensagem com projeções, mas não deve perder o contato visual com os ouvintes nem limitar-se à rigidez dos textos, símbolos e imagens. As músicas gravadas podem ser tecnicamente ótimas, mas como o culto é a oferta do crente a Deus, devemos ser cuidadosos. Os textos e a voz devem ser preservados acima do volume dos sons. Mesmo que não tenha a perfeição de músicos profissionais, um instrumento executado ao vivo sempre será melhor que uma gravação.

Ministério: *O que deveríamos incluir ou excluir do culto, para torná-lo uma experiência significativa?*

Dr. Plenc: Devemos incluir tudo o que contribua para a revelação de Deus e de Sua vontade, bem como aquilo que permita ao crente responder positivamente ao Céu e suas demandas. Tudo o mais que interferir nesses objetivos ou que distraia os adoradores deve ser descartado. Também devemos deixar de lado o mero entretenimento, a busca superficial de satisfação espiritual e o exibicionismo. Um boletim informativo e um bom comunicador substituem muito bem os anúncios longos e heterogêneos.

Ministério: *Quais são as formas bíblicas mais apropriadas de se dar uma resposta a Deus?*

Dr. Plenc: Mediante atos que dêem testemunho de nossa admiração, nosso reconhecimento, entrega, devoção, alegria e esperança. A Bíblia mostra que podemos expressar tal adoração, entre outras coisas, por meio da oração (Sal. 95:6), entrega dos dízimos e ofertas (Deut. 26:10; I Crôn. 16:29; Sal. 96:8; Prov. 3:9), canto (Sal. 66:1-4 e 8), ser-

viço (Rom. 12:1), vida obediente (Miq. 6:6-8; João 4:20-24) e a observância do sábado (Êxo. 20:8-11; Apoc. 14:7).

Ministério: *O que o senhor achou da declaração sobre a música, aprovada no ano passado pela Associação Geral?*

Dr. Plenc: O documento “Uma filosofia adventista do sétimo dia sobre a música” foi aprovado pela Comissão Executiva da Associação Geral, no Concílio Anual, em 13 de outubro de 2004 e ratificado pela Comissão Plenária da Divisão Sul-Americana, em 3 de maio do ano passado. Creio ser importante a Igreja se pronunciar sobre esse tema delicado e polêmico. É oportuno apresentá-lo no contexto do grande conflito entre o bem e o mal. É positivo que reconheçamos que “a música não é moral nem espiritualmente neutra”, e que há diretrizes na Bíblia e nos escritos de Ellen White. O documento reconhece que “nem toda música considerada sacra/religiosa pode ser aceitável para um adventista do sétimo dia”, especialmente a que evoca associações seculares ou convida à conformidade com as normas mundanas. Também oferece nove princípios que dirigem a adoção de música apropriada no que tange à qualidade, autenticidade, criatividade, aos valores e ao equilíbrio. É louvável o convite a selecionar boas letras, com conteúdo rico, boa composição e o permanente desafio de escolher o melhor.

Ministério: *Como podemos harmonizar os estilos de culto e de música, sem comprometer a unidade eclesial?*

Dr. Plenc: Já fomos ensinados que a música é a arte de combinar os sons e o tempo. Penso que, atualmente, a música da igreja é a arte de combinar os critérios; uma tarefa nada simples. Devemos reconhecer que os estilos de culto e de música não fazem necessariamente a espiritualidade nem o crescimento da igreja. É o espírito do culto o que importa; o clima espiritual percebido em cada serviço e, sobretudo, a fidelidade às instruções divinas. Uma forma de desenvolver uma adoração relevante é lembrar a qualidade corporativa da igreja. A Bíblia descreve a igreja como um corpo e exige que cuidemos de sua unidade e integridade. O culto é o culto da igreja e a música é a música da igreja. Não há

espaço para individualismo nem caprichos particulares. O culto deve ser comunitário, inclusivo, inspirador, participativo e harmonioso. O *Guia Para Ministros* estabelece que pastores e anciãos são responsáveis pela direção dos cultos e, inclusive, aconselha a criação de uma comissão de liturgia para estudar e criar formas de melhorar o culto.

*“Os cultos
devem ser
cálidos e fraternos,
respeitosos,
organizados
e solenes”*

Ministério: *O senhor acha que deveríamos enfatizar mais as orientações litúrgicas em nossos programas de treinamento?*

Dr. Plenc: Acredito que pastores e líderes da igreja necessitam estudar mais esse tema na Bíblia e nos escritos de Ellen White. Só conheço duas lições da Escola Sabatina sobre adoração nos últimos 30 anos. Há pouquíssimos livros adventistas sobre o tema. Deveria haver um estudo sobre liturgia em nossos manuais de estudos bíblicos. Raramente a liderança da igreja recebe instruções a respeito disso. Há uma necessidade urgente de instrução e capacitação. Necessitamos pregar mais sobre adoração e discutir mais constantemente o tema. Devemos ensinar os irmãos a fazerem o culto pessoal e familiar diário. Os novos conversos precisam conhecer a importância do culto e o significado de suas atividades e cerimônias. Necessitamos ensinar sobre como orar, testemunhar, cantar, participar no culto, estudar a Bíblia e pregar.

Ministério: *Será que, ao enfatizarmos tanto o evangelismo externo, estamos descuidando a adoração?*

Dr. Plenc: Equilíbrio é sempre o desafio. A clareza nos objetivos da igreja e seu culto é outra necessidade iniludível. Não cremos em cultos exclusiva-

mente de adoração ou de evangelização. Preferimos serviços abertos que integrem três objetivos bíblicos: adoração, edificação e evangelização. O descuido também é perigoso. Podemos descuidar a evangelização, a adoração ou o crescimento da igreja. O culto da igreja é dirigido a Deus, aos crentes e ao mundo, porque louva, nutre e apela. Quando a adoração é autêntica, os membros se sentem inspirados e animados a participar na pregação. Porém, não devemos nos esquecer de que o propósito último da vida e da igreja é a adoração a Deus.

Ministério: *Qual é o aspecto da adoração que representa maior preocupação para o senhor?*

Dr. Plenc: Algumas vezes, preocupava-me o silêncio. Em outras ocasiões, o ruído. O silêncio da indiferença e a falta de participação, assim como o ruído da informalidade e da confusão disfarçada de fervor e entusiasmo. Preocupa-me a adoração irrelevante, sem inspiração; o ritualismo que às vezes persiste, e certas manifestações distorcidas de espiritualidade, como as que são propostas pelos movimentos carismáticos. Preocupa-me que, talvez, estejamos perdendo a bênção de um encontro significativo com Deus.

Ministério: *O que o senhor diz sobre a informalidade dos chamados “momentos de confraternização” no culto?*

Dr. Plenc: A confraternização é necessária; é bíblica. A comunhão é um imperativo do Novo Testamento. Portanto, a igreja deve prover oportunidades para o desenvolvimento e fortalecimento da amizade, dos vínculos afetivos e solidariedade. Porém, nem sempre vamos conseguir isso criando espaços para abraços, cumprimentos e beijos na hora do culto. Existem outros momentos que favorecem melhor a espontaneidade, o aprofundamento fraternal. Sugiro que leiamos novamente o capítulo “Comportamento na casa de Deus”, no livro *Testemunhos Seletos*, volume 2. O formalismo e a indiferença são tão negativos como o descuido, a desordem e a perda de senso do que é sagrado. Os cultos da congregação devem ser cálidos, distendidos e fraternos, ao mesmo tempo que respeitosos, organizados e solenes. O culto é a reunião de homens e mulheres na presença de Deus. ◻

ESCOLHIDAS PARA SERVIR



Heloisa Vargas

Diretora do
Ministério da Mulher
na Associação
Catarinense

Deus sabe o quanto a esposa do pastor pode fazer pela família e pela igreja. Ele a considera muito especial

Ao nascer, toda pessoa recebe um nome. Não o escolhemos; nada nos foi perguntado a respeito. Nem poderíamos opinar. O fato é que temos de conviver com ele. Para muitas pessoas, o nome representa a expressão do seu próprio eu; é sua identidade. Carregamos essa identidade pela vida, vivendo situações e experiências as mais diversas, fazendo escolhas profissionais e sentimentais que acabam, de certa forma, exercendo influência sobre ela.

Um exemplo disso é a escolha do cônjuge e o casamento. Chegamos ao altar cheias de sonhos e levando a expectativa de ser felizes para sempre. Ao casarmos com um pastor, as expectativas e os sonhos não são diferentes. Porém, algo acontece à nossa identidade. Em geral, deixamos de ser Helena, Marlene, Júlia, ou seja quem for, e passamos a ser “a esposa do pastor”. Como nos sentimos? Como entendemos ou recebemos essa nova identificação? Onde ficou o nosso nome, a nossa identidade?

Muitas esposas de pastores já fizeram a si mesmas indagações semelhantes. No entanto, existe outra pergunta que precisamos responder: De que forma construímos nossa própria identidade? Notemos alguns fatores que nos ajudam nessa resposta, bem como também ajudam a sobrepujar os conflitos decorrentes de uma crise de identidade:

- Não mostro apenas aparências. Sei entender as exigências do mundo atual, procuro viver com segurança e amo o que faço.
- Amo a Deus sobre todas as coisas, e meus familiares e semelhantes, como a mim mesma.
- Tenho um coração que é feliz e que sabe se doar, não por obrigação, mas porque sou filha de Deus.
- Aceito que sou criada à imagem e semelhança do Deus vivo, independentemente do cargo ou função que meu esposo desempenha.
- Busco crescer, diariamente, na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cris-

to. Isso implica passar tempo com Deus. É somente na comunhão diária com Ele que descobrimos quem somos.

- Cuido de meu esposo e, conseqüentemente, aprecio cuidar de outros.
- Minha meta diária é fazer com que as pessoas se sintam melhores, a cada encontro que têm comigo. A vida é uma longa jornada, nem sempre coberta de flores, mas podemos fazer a diferença onde estivermos.
- Nunca exijo demais de mim mesma. Todo ser humano tem limitações, e nenhuma de nós é diferente disso. Ao dizermos “não”, algumas vezes, estamos apenas mostrando que não somos infalíveis, sobrenaturais.
- À medida que você e eu promovemos o bem-estar das pessoas que Deus coloca em nosso caminho, estamos simplesmente glorificando a existência de um Deus que nos serviu até a morte. Essa prontidão em servir confirma nossa identidade cristã.
- Deus nos valoriza muito. Ele sabe o quanto a mulher, esposa e mãe pode fazer em benefício do lar e da igreja. Você é singular. Não é um objeto, mas é um ser capaz de pensar, escolher e ser feliz. Precisamos acreditar nessa singularidade e viver esse amor incondicional, por nós mesmas. Então o viveremos por outros ao nosso redor.

Ao nos reconhecermos únicas e singulares, uma nova luz irradiará e a paz de Cristo envolverá nossa vida. Alimentemos essa convicção. Construamos nossa identidade, fundamentando-a no serviço, na doação, na comunhão. Acima de tudo, vamos baseá-la no amor que nos liberta, santifica e transforma, a fim de sermos nós mesmas, filhas de Deus, escolhidas para uma nobre missão, chamadas para servir. ☐

LIDERANÇA EFICAZ



Wayne M. Warner

Pastor jubilado,
reside em Battle Creek,
Estados Unidos

*Ser líder
não é
manipular
pessoas,
mas
influenciá-
las*

Qualquer pessoa no exercício de liderança, e que se disponha a pagar o preço, pode desenvolver e ampliar suas habilidades nesse aspecto. Porém, o que realmente ajuda um líder a subsistir? O missionário evangélico Tom McCracken sugere que não fomos chamados a ser líderes, mas servos. Ele diz que “não podemos disputar posições de prestígio, pois liderança não é exercer direito sobre as pessoas; é habilidade para influenciá-las”. Com sua experiência missionária, McCracken afirma ter aprendido que “a liderança cresce a partir do serviço confiável”. Liderança cristã é traduzida na “confiança conquistada de nossos irmãos e irmãs de fé”, de modo que podemos “alocá-los em funções e lugares dos quais eles podem influenciar outros irmãos”.

Peter Drucker apóia esse conceito, ao mencionar que “grandes líderes são produto de grandes causas, mas líderes, no seu melhor, também produzem grandes causas”. Drucker também acredita que “até ou a menos que uma empresa crie uma causa maior e mais abrangente que o enriquecimento de seus acionistas, haverá poucos grandes líderes”.¹

Ordway Tead distingue o executivo do líder, quando afirma que “na indústria não é a paixão por lucros, mas por pessoas, que diferencia o líder do simples executivo”.²

A seguir, enumeramos sete caminhos através dos quais podemos conquistar e manter uma liderança permanente, motivadora e significativa.

DEPENDÊNCIA DE CRISTO

O simples fato de assumir uma posição ou função de liderança não significa que alguém possui habilidades para liderar. Ser um líder em um determinado contexto não é garantia de capacidade para liderar em qualquer outro tipo de situação. A liderança começa com a indicação de alguém para liderar; e o compromisso com um Salvador pessoal provê o fundamento sobre o qual Deus capacita esse líder.

As necessidades e habilidades pessoais variam consideravelmente de uma situação para outra. E os verdadeiros líderes edificam sobre qualidades de caráter que somente Deus pode expandir e enriquecer. Paulo deixou isso claro quando escreveu que “somos... criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Efés. 2:10).

Ao enfrentarmos circunstâncias que não podemos mudar, podemos permitir que Deus nos transforme. Ele confiou à Igreja a responsabilidade de alistar e treinar obreiros, bem como providenciar-lhes alternativas para o trabalho. E também pode adicionar novas habilidades ao nosso repertório.

AMOR PELAS PESSOAS

Remova da vida a disposição de partilhar, e você apagará o brilho dela. Indivíduos cristãos precisam reconhecer a necessidade de dar-se. A principal característica do líder que é servo é estar disponível. Segue-se a disposição de partilhar habilidades. Podemos desenvolver habilidades significativas de liderança, apesar de circunstâncias ou sentimentos inadequados, se realmente estivermos desejosos de ampliar essas habilidades em favor da Causa de Deus.

Por trás de tudo isso encontra-se o fato de que a liderança de sucesso requer indivíduos amorosos. As pessoas se relacionam melhor com os semelhantes que se identificam de modo restaurador com seus problemas e necessidades pessoais. Tais necessidades provêm avenidas para relacionamentos progressivos.

Qualquer programa de crescimento espiritual de uma comunidade cristã deve priorizar a tarefa de ajudar as pessoas a satisfazerem suas necessidades pendentes. Desse modo, uma estratégia bem planejada torna-se a via natural de acesso aos indivíduos. Ao se mostrarem incapazes de amar as pessoas tais como são, os líderes revelam carecer da habilidade necessária para com-

prender homens e mulheres que Deus colocou em seu caminho. É difícil liderar pessoas que não se sentem amadas, assim como é muito mais fácil liderar aquelas que estão seguras de que o líder as ama genuinamente e está empenhado em promover o seu bem-estar.

MAXIMIZAÇÃO DE HABILIDADES RELACIONAIS

O corpo de Cristo, à semelhança do corpo humano, encontra sua força em seus relacionamentos. Pastores e líderes efetivos dependem muitíssimo dessa rede de relacionamentos interpessoais. A habilidade de trabalhar em equipe somente faz crescer o valor de alguém como líder. Por sua vez, a incapacidade de trabalhar com outras pessoas reduz grandemente o valor, como líder e obreiro.

Com muita frequência, o trabalho restaurador de Deus tem lugar quando a igreja amplia seu círculo de relacionamento a fim de alcançar os que ainda não fazem parte da congregação. O enriquecimento da habilidade pessoal de alguém para relacionar-se com o povo, aumenta grandemente as habilidades de liderança, enquanto multiplica, em termos coletivos, as habilidades da congregação.

COMPREENSÃO

Mesmo sendo agnóstico, Bertrand Russel reconheceu que o amor cristão, ou compaixão, é o motivo para a existência. Ele o viu como um guia em ação, uma razão para coragem, e uma necessidade imperativa para honestidade intelectual.

Deus tem um lugar importante onde cada filho Seu pode servir. Por isso, através de esforços diligentes para autocrescimento, ninguém precisa se tornar desequilibrado ou ineficiente. Na verdade, alguns de nós somos introvertidos e um pouco mais reclusos que outros. Achamos mais fácil trabalhar por nós mesmos. Outros, mais extrovertidos, acham mais confortável trabalhar pensando no semelhante.

Qualquer que seja o caminho, todos ganham quando descobrimos e avaliamos nossos pontos fortes e fracos. Exercendo cuidadoso empenho para nos conhecermos e para ministrar a outras pessoas, fortalecidos e habilitados por Deus, teremos nossos esforços abençoados. Nossas habilidades de liderança crescerão à medida que nos conhecemos

melhor e permitimos que Deus efetue as transformações necessárias em nossa vida e experiência.

EXERCÍCIO DA FÉ

O ex-secretário geral de Estado norte-americano, Collin Powell, compreendia a liderança desta maneira: “Se você tem uma ferramenta suja e torta, conserte-a e transforme-a num instrumento útil.”³ Os líderes que perduram recusam-se abrigar-se no desencorajamento; e as pessoas refletem muito rápido as atitudes do líder, especialmente as negativas.

Ocasões de desânimo sobrevirão a todos, cedo ou tarde. Elas podem ser originadas pela organização pobre, motivação insuficiente, objetivos impróprios, ou qualquer outra dificuldade. Em todo caso, a fé que exalta a Deus, erguerá o líder, aumentará seu valor e contagiará seus seguidores.

O líder nunca permanece mais elevado aos olhos dos seus liderados do que quando faz o trabalho de Deus sem desanimar facilmente. Todos nós reconhecemos ser mais fácil enfrentar os problemas, quando podemos visualizar as possibilidades através dos olhos de um líder positivo.

CONVICÇÕES CORAJOSAS

“O dia em que os soldados deixarem de levar a você os problemas deles”, conclui Powell, “será o dia em que você deixou de liderá-los.”⁴ Convicções fortes nos mantêm de pé quando as circunstâncias ameaçam nos derrubar.

Mais importantes do que as convicções que dominamos são as convicções que nos dominam. Embora Jesus Cristo conhecesse os resultados óbvios de Suas convicções, Ele firmemente manteve Sua face direcionada para Jerusalém. Conhecia Sua missão, sabia o que significava tudo o que enfrentaria; e não recuou. Deus honra esse tipo de fé.

EXPANSÃO DOS TALENTOS

A boa liderança é construída sobre o respeito pessoal. Respeite a personalidade dos outros, todo tempo, e você será respeitado mesmo quando as pessoas discordarem de seu ponto de vista e suas opiniões. A disposição para realizar uma tarefa com determinação e convicção corajosa, por parte do líder, leva-o a conquistar o respeito dos liderados, ainda que eles façam parte de uma comunidade resistente a oferecer apoio.

Como cristãos, nos condicionamos a receber os melhores dons de Deus, sempre que nos submetemos inteiramente a Ele, permitindo-Lhe dirigir-nos no cumprimento de Sua vontade, buscando agradecer-Lhe em tudo o que formos chamados a realizar. O crescimento pessoal e eclesial experimentado através da dotação divina, quaisquer que sejam nossas habilidades, se mostrará um testemunho muito mais significativo do que o melhor que pudermos fazer de nós mesmos. Tal crescimento produzirá líderes cuja fé será facilmente compreendida e prontamente imitada.

A Igreja sempre necessita de líderes capacitados por Deus. E Deus usará qualquer líder que Ele tenha habilitado. ☺

Referências:

- ¹ Peter F. Drucker, *The Leader of the Future* (San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1996), pág. 9.
- ² Ordway Tead, *The Art of Leadership* (Nova York: Whittlesey, 1935), pág. 103.
- ³ Colin Powell, com Joseph E. Persico, *My American Journey* (Nova York: Random House, 1995), pág. 214.
- ⁴ *Ibidem*, pág. 52.



LIÇÕES DE UMA PRECE



José Maria dos Santos

Bibliotecário
do Colégio Adventista
de Santo Amaro,
São Paulo, SP

*Nada
justifica
falar de Deus,
trabalhar
para Deus,
sem ter
estado
com Ele*

Como parte do Sermão da Montanha, Cristo transmitiu aos discípulos orientações sobre como deveriam orar (Mat. 6:5-8), culminando com a demonstração da oração modelo: “Pai nosso, que estás nos Céus, santificado seja o Teu nome; venha o Teu reino, faça-se a Tua vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal, pois Teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém” (Mat. 6:9-13).

Embora pequena, essa é a prece mais completa e profunda registrada na Bíblia. Tão conhecida e repetida milhares de vezes, por milhões de pessoas, jamais perdeu sua beleza e importância, nem viu esgotados seus ensinamentos. Há muitas lições que podemos aprender dessa oração tão ampla em seu objetivo e, ao mesmo tempo, tão breve em sua expressão.

Primeiramente, nota-se que ela apresenta a forma geral do Decálogo, começando com Deus. As três primeiras referências têm que ver com Deus e Sua glória, enquanto as demais dizem respeito às nossas necessidades e ao nosso relacionamento com os semelhantes. Portanto, devemos dar a Deus o primeiro lugar. Somente quando Lhe damos a devida prioridade, podemos esperar ou buscar o preenchimento das nossas carências (Mat. 6:33).

“PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS”

Ao nos referirmos a Deus como Pai, expressamos nosso amor, fé e confiança, reconhecendo-O como amigo, Alguém que está perto de nós e que nos é acessível. Ele é o criador, Rei dos reis, Senhor dos senhores, mantenedor do Universo, mas é também nosso Pai. E isso diz tudo sobre o relacionamento que deseja manter conosco e que podemos manter com Ele, isto é: de intimidade e proximidade.

A expressão “que estás nos Céus” não O limita a um lugar no tempo e no espaço. Deve ser vista, na verdade, como uma referência à glória que O cerca, o que nos chama à uma atitude reverente, respeitosa, de santo temor diante dEle. Ele é nosso Pai celestial, que “habita a eternidade... no alto e santo lugar, mas... também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos” (Isa. 57:15).

“SANTIFICADO SEJA O TEU NOME”

A primeira súplica da oração do Senhor é no sentido de que santifiquemos o nome de Deus. Isso significa que devemos reverenciá-Lo, tratá-Lo com respeito, honrá-Lo. Como cristãos, devemos santificar o Seu nome pelo fato de Ele ser Deus.

“Para santificarmos o nome do Senhor é necessário que as palavras em que falamos do Ser Supremo sejam pronunciadas com reverência. ‘Santo e tremendo é o Seu nome.’ Sal. 111:9. Não devemos nunca, de qualquer modo, tratar com leviandade os

títulos ou nomes da Divindade. Ao orar, penetramos na sala de audiência do Altíssimo, e devemos ir à Sua presença possuídos de santa reverência. Os anjos velam o rosto em Sua presença. Os querubins e os santos serafins aproximam-se de Seu trono com solemne reverência. Quanto mais deveríamos nós, seres finitos e pecadores, apresentar-nos de modo reverente perante o Senhor, nosso Criador!” – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 109.

Porém, santificar o nome de Deus não é um requerimento que se restringe apenas ao momento da prece; inclui tudo o que fazemos. Santificar o nome de Deus abrange todas as nossas ações diárias, pois somos Seus representantes. Em nosso trabalho e em nossa maneira de viver, devemos revelar Seu caráter; afinal, levamos o Seu nome. Não santificam o nome de Deus os que gracejam com a divindade, ou que o mencionam irreverentemente em conversas fúteis, ou até mesmo em “vãs repetições” nas orações. Não o santificam aqueles que, utilizando o nome de cristãos, trazem opróbrio à família de Deus, negando, na prática, as virtudes de sua pregação.

“VENHA O TEU REINO”

Ao orarmos: “Venha o Teu reino”, devemos estar dispostos a entregar o governo de nossa vida a Deus, submetendo-nos inteiramente ao Seu querer. Muitos fazem esse pedido sem o menor propósito de render o coração e a mente ao grande Rei, o que os torna espiritualmente vazios e vocacionalmente insatisfeitos. Simplesmente não estão dispostos a entregar ou negar-se a si mesmos. Lutam por um reino externo, visível, material, onde imaginam poder desfrutar fama, riqueza e popularidade. É assim que criam sua própria teologia eivada de conceitos que bloqueiam a necessidade de renúncia e alimentam a regência do egoísmo.

No Sermão da Montanha, Jesus nos incentivou a orarmos pela vinda do reino. Porém, em outras ocasiões, Ele disse que deveríamos fazer mais do que orar: devemos trabalhar ativamente, no poder do Espírito Santo, para disseminar o reino da graça, por todo o mundo, preparando assim o caminho para a vinda futura da plenitude do reino da glória. “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mat. 24:14).

Comentando esse versículo, diz Ellen White: “Seu reino não virá enquanto as boas-novas de Sua graça não houverem sido levadas a toda a Terra. Assim, quando nos entregamos a Deus, e ganhamos outras almas para Ele, apressamos a vinda de Seu reino. Unicamente aqueles que se consagram a Seu serviço, dizendo: ‘Eis-me aqui, envia-me a mim’ (Isa. 6:8), para abrir os olhos cegos, para desviar homens ‘das trevas... à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados’ (Atos 26:18) – unicamente eles oram com sinceridade: ‘Venha o Teu reino.’” – *Ibidem*, págs. 108 e 109.

A primeira,
mais importante
e definitiva
ligação do
Universo é a do
homem
com Deus

A luta entre o Príncipe de Deus (Cristo Jesus) e o príncipe deste mundo (Satanás) começou no Céu (Apoc. 12:7 e 8) e continuou na Terra. Com a primeira vinda de Jesus, a batalha pela posse do coração do homem e pelo governo de Deus entrou em marcha acelerada. Sua primeira vinda trouxe o reino da graça. Ao vir pela segunda vez, implantará o reino da glória. A segunda vinda representará o fim da história do mal; é a intervenção de Deus na História para estabelecimento do Seu eterno reino. Batalhamos por esse clímax, no grande conflito.

“FAÇA-SE A TUA VONTADE”

Essa petição flui diretamente da anterior, uma vez que orar pela vinda do reino implica desejo e disposição de nos submetermos à vontade do Rei. A

principal ocupação dos cidadãos do reino é fazer a vontade do Pai. E no contexto do Sermão da Montanha, isso significa colocar em prática as instruções do próprio sermão, vivendo sob o senhorio de Cristo. Como cristãos, estamos comprometidos em fazer a vontade de Deus em todos os aspectos da vida: âmbito pessoal, família, trabalho, lazer, em tudo.

O pedido para que seja feita a vontade divina “assim na Terra como no Céu” nos ajuda a compreender a natureza cósmica dessa oração. As questões em jogo transcendem a existência terrena. Elas representam princípio de abrangência universal e eterna. A expressão “como no Céu” nos ensina que Deus tem um ativo empreendimento em ação com os anjos nessa esfera espiritual, além das fronteiras deste planeta.

“O PÃO NOSSO DE CADA DIA”

Jesus não desconsidera nossas necessidades físicas. Pão, aqui, poderia ser entendido como tudo aquilo que sustenta as forças da vida. Ele sabe que sem saúde física não subsistiríamos. O ser humano é um todo indivisível: corpo, mente e espírito; e o bem-estar integral envolve todos esses aspectos. A estratégia de Cristo, para conquistar homens e mulheres, é exemplar: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’. João 21:19.” – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143.

É interessante notar que o pedido inclui o pronome “nosso”. Isso implica a necessidade de orarmos pelo pão dos outros também. Milhares estão morrendo de fome. Esses devem ser também objeto do nosso trabalho. Na verdade, o pão de cada dia pode ser algo mais que alimento, abrangendo muitas coisas que o tornam disponível: dinheiro, trabalho estável, bom governo, farta colheita, bom tempo, boas estradas, igualdade socioeconômica, entre outros aspectos.

Deus pode dar condições favoráveis para a obtenção do pão diário, mas necessitamos fazer nossa parte. Pássaros e outros animais não esperam que o alimento lhes seja colocado na boca. En-

frentam corajosamente a tarefa de buscar e colher o alimento providenciado. A palavra de Deus ensina que “se alguém não quer trabalhar, também não coma” (II Tess. 3:10).

No entanto, embora o significado primário de Mateus 6:11 seja o pão material, não estaríamos maculando o texto, expandindo esse significado ao âmbito espiritual, pensando no pão que nutre para a vida eterna. Jesus ordena: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que subsiste para a vida eterna” (João 6:27). E diz: “Eu sou o pão vivo que desceu do Céu; se alguém dele comer, viverá eternamente” (v. 51). Nosso Salvador é o Pão da Vida. Precisamos nos alimentar desse Pão; necessitamos de Sua força, para viver Sua vida. Assim, quando oramos pelo “pão nosso de cada dia”, estamos reconhecendo nossa contínua dependência de Deus em tudo quanto somos; quer na esfera física, quer na espiritual.

“PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS”

Necessitamos admitir francamente que somos pecadores. No evangelho de Lucas, a expressão “nossas dívidas” é substituída por “nossos pecados”. O perdão de Deus é amplo. Tudo o que represente ofensa a Deus e ao próximo está incluído nesse pedido de perdão. Suplicamos a Deus que nos perdoe, assim como perdoamos aos semelhantes. Devemos perdoar, porque somos perdoados. Certamente isso não é fácil para a maioria de nós. Muitos querem receber perdão, mas não vão além do seu caminho a fim de buscar oportunidades para concedê-lo.

Aqui, Jesus está falando a quem tem experimentado a grandeza da misericórdia divina. Devemos ser tão agradecidos que desejemos estender a outros, nossos devedores, a maravilha dessa misericórdia.

Há certas atitudes que podemos chamar “chaves do perdão”, que nos ajudam a aprender a perdoar. A primeira delas é a compreensão. Será mais fácil perdoar, sempre que procurarmos entender as razões que levaram a outra pessoa a agir como agiu. Em segundo lugar está o esquecimento. Precisamos aprender a esquecer, no sentido de não tratarmos o antigo ofensor segundo a ofensa praticada. Isso significa banir a ira e o ressentimento. Precisamos do poder transformador de Cristo para agir dessa forma.

De fato, temos uma escolha: ou permanecemos no negativo, ou deixamos que Ele nos encha a mente de pensamentos puros e renovados.

A terceira chave do perdão é o amor, que planta em nosso coração desejos positivos e de bem-estar mesmo para aqueles que nos maltratam. Finalmente, temos a visão da cruz. Os verdadeiros perdoadores têm uma constante visão do sacrifício feito em seu lugar. Por isso, reconhecem a necessidade de misericórdia para com os inimigos.

“NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTAÇÃO”

A Bíblia nos assegura que há um inimigo trabalhando intensamente para criar situações que nos levem a cair espiritualmente. Estamos no centro do grande conflito entre o bem e o mal. E Deus pode nos dar forças para resistir e vencer as tentações. Precisamos orar, cada dia, para que Ele não apenas nos ajude a identificar nossas fraquezas específicas, mas nos conceda a determinação de vencê-las, no poder do Espírito. Podemos agir como o garoto de uma fazenda: “Quando passo por um canteiro de melancias, não posso deixar de encher a boca de água, mas posso correr.”

Escreveu Ellen White: “Quando sois assaltados pelas tentações, quando o cuidado, a perplexidade e as trevas parecem circundar vossa alma, olhai para o lugar em que pela última vez vistes a luz. Descansai no amor de Cristo e sob Seu protetor cuidado. Quando o cuidado luta pelo predomínio no coração, quando a culpa oprime a alma e sobrecarrega a consciência, quando a incredulidade obscurece a mente, lembrai-vos de que a graça de Cristo é suficiente para subjugar o pecado e banir a escuridão.” – *Ibidem*, pág. 250.

“LIVRA-NOS DO MAL”

Enquanto estivermos no mundo, jamais nos encontraremos em um lugar onde não sejamos ameaçados pelo mal. Entretanto, podemos impedir que ele penetre em nosso coração e nos domine, abrigando-nos em Jesus Cristo. “Livra-nos do mal” é o mesmo que pedir: “Livra-nos de ceder à tentação”, ou “livra-nos do pecado que segue à tentação não resistida”. Jesus pode e deseja realizar isso em nós. Ele orou por Seus seguidores: “Não peço que os tireis do mundo, e sim que os guardes do mal” (João 17:15).

Quais são os recursos que Ele coloca à nossa disposição para que resistamos ao mal? Tiago responde: “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo e ele fugirá de vós” (Tia. 4:7). E Paulo menciona um verdadeiro arsenal: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo, porque, nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e, para isto, vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos” (Efés. 6:11-18).

AUDIÊNCIA COM DEUS

A maior tragédia do ser humano é ter perdido sua ligação com o Criador. Ao romper com as coisas do alto, que o sustentam, o homem cai na tirania dos interesses terrestres, que lhe roubam a paz, o infelicitam e destroem. Portanto, restabelecer essa relação rompida, através da oração e da meditação, deveria ser a suprema busca de todo homem. Priorizá-la, acima de qualquer atividade, é fundamental para o crescimento espiritual individual e a efetividade no pastorado. Nada justifica falar de Deus, trabalhar para Deus, sem ter estado com Ele.

A primeira, mais importante e definitiva ligação do Universo é a do homem com o seu Deus. É maravilhoso que o Mestre nos tenha ensinado a restabelecer ligação com nosso Deus e Pai. A oração do Senhor encerra profundos e eternos conceitos. Ela nos coloca na sala de audiência com Deus, com a naturalidade com que a criança dependente se aproxima do pai. Podemos abrir nosso coração diante dEle como fazemos a um amigo. Que privilégio! ☺

PARA QUE O MUNDO CREIA



Pat Gustin

Diretora do Instituto de Missões Mundiais, Universidade Andrews, Estados Unidos

Unidade entre os crentes é condição indispensável à efetividade do compromisso missionário

Com muito entusiasmo e otimismo, estivemos reunidos em St. Louis, Estados Unidos, para a 58ª assembleia mundial da Igreja, na metade do ano passado. Entre outras conquistas, celebramos a existência de aproximadamente 15 milhões de membros, em mais de 200 países. Alegrem-se e exclamamos: “Grandes coisas fez o Senhor por nós!”

Contudo, em meio à exultação diante do que Deus tem feito em favor de Sua Causa, temos preocupações; algumas das quais já foram articuladas na assembleia realizada em Toronto, em 2000. A mais desafiadora dessas preocupações é a unidade. É possível manter unidade em uma organização tão ampla e diversificada? Como o Pastor Jan Paulsen reconheceu, “nossa própria amplitude internacional e cultural e nossa diversidade étnica representam um formidável desafio em termos de unidade”.¹

Outras organizações no mundo – igrejas, empresas e instituições políticas – também lutam com o desafio de desenvolver ou manter unidade contra o pano de fundo das diferenças culturais, lingüísticas, étnicas, religiosas, políticas, ideológicas, raciais, tribais e nacionais. Essas diferenças estão no âmago dos mais sérios conflitos armados que banham com sangue o nosso mundo. Seu poder separatista e destrutivo está demonstrado de maneira trágica nos últimos anos. Ruanda, Kosovo, Bósnia, Iraque, Irlanda do Norte, Afeganistão, Palestina, Israel, Nigéria, Papua-Nova Guiné, Ilhas Salomão e Indonésia são apenas algumas lembranças dolorosas da falta de unidade no mundo atual.

Toda nação experimenta, de uma forma ou outra, desafios semelhantes. Vivemos em uma aldeia global na qual a unidade total é um sonho vago e distante, desdenhando-nos nas trevas de nossa realidade. Embora desejássemos que fosse diferente, a Igreja não está imune ao problema.

O ALVO

Entretanto, por mais que a concretização desse sonho seja aparentemente irreal e impossível no mundo de hoje, as Escrituras não nos deixam dúvidas quanto à natureza imperativa do chamado a vivermos em unidade, amor fraternal e harmonia. A oração sacerdotal de Jesus, em João 17, focaliza essa realidade: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em Mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (João 17:20-22).

A unidade é um tema constante nos escritos de Paulo. “Ora, o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus” (Rom. 15:5). “Assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Rom. 12:5). “Rogo-vos, ... pelo nome de ... Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer” (I Cor. 1:10). “Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, ... quer judeus, quer gregos, quer

escravos, quer livres...” (I Cor. 12:12 e 13). “Aperfeiçoi-vos... sede do mesmo parecer, vivei em paz...” (II Cor. 13:11). “Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gál. 3:28). “esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efés. 4:3). “Completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento” (Filip. 2:2). “Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente. ... Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição” (Col. 3:13 e 14). E Pedro acrescenta: “Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos...” (I Ped. 3:8). “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros” (I Ped. 4:8).

Porventura, essas palavras são apenas lugar-comum? Referem-se a um sonho vão? São simplesmente exortações e conselhos lançados ao vento? É a unidade apenas um assunto prático, uma necessidade organizacional para facilitar o avanço da Igreja? Ou existe uma razão mais profunda, mais fundamental, para a urgência que vemos enfatizada nesse chamado da Escritura?

A unidade não é um sonho vago nem um instrumento organizacional. Ela é o próprio coração e a força motriz da vida cristã, especialmente do testemunho cristão. A profunda motivação para as admoestações em relação à unidade está muito clara nos próprios textos. Durante a última ceia, quando instou aos discípulos para que amassem uns aos outros assim como

Ele os amava, Jesus disse: “Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35). Em João 17, o Mestre suplica: “a fim de que todos sejam um... para que o mundo creia... para que o mundo conheça” (versos 21 e 23).

Está claro que somente através da nossa unidade o mundo verá uma verdadeira demonstração do poder do evangelho. Paulo continua seu apelo por unidade, assegurando que quando isso for realidade, a Igreja, “concorde” glorificará “ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rom. 15:6). E conclui: “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus... e para que os gentios glorifiquem a Deus” (Rom. 15:7 e 9).

Embora existam muitas razões práticas e organizacionais para a unidade, e importantes razões para manter a unidade doutrinária, a única grande razão dada por Jesus e Paulo é o impacto de nosso testemunho. A unidade leva à glória de Deus; demonstra ao mundo o poder que o evangelho tem de fazer o que seres humanos não podem realizar sozinhos. A unidade da Igreja é a maior propaganda sobre o poder e a graça de Deus. Sua demonstração capacita nossa missão e credencia nosso testemunho. Na medida em que a Igreja reflete a realidade de que é o corpo de Cristo, sua missão terá êxito. A unidade é simplesmente fundamental para a efetividade da missão e do nosso testemunho.

A Igreja cristã primitiva foi um exemplo vivo de uma unidade que rompeu barreiras étnicas, culturais, lingüísticas e sociais. Escravos e livres,

prósperos mercadores e soldados de César, homens e mulheres, judeus e gentios adoravam juntos num tempo quando a sociedade estava dividida por castas e classes. A igreja do primeiro século era claramente contracultural, em termos do amor e unidade exemplificados. Todos os que observavam a igreja eram levados a exclamar: “Como se amam estes cristãos!” Sua unidade era, de fato, o maior testemunho do poder do Cristo ressuscitado.

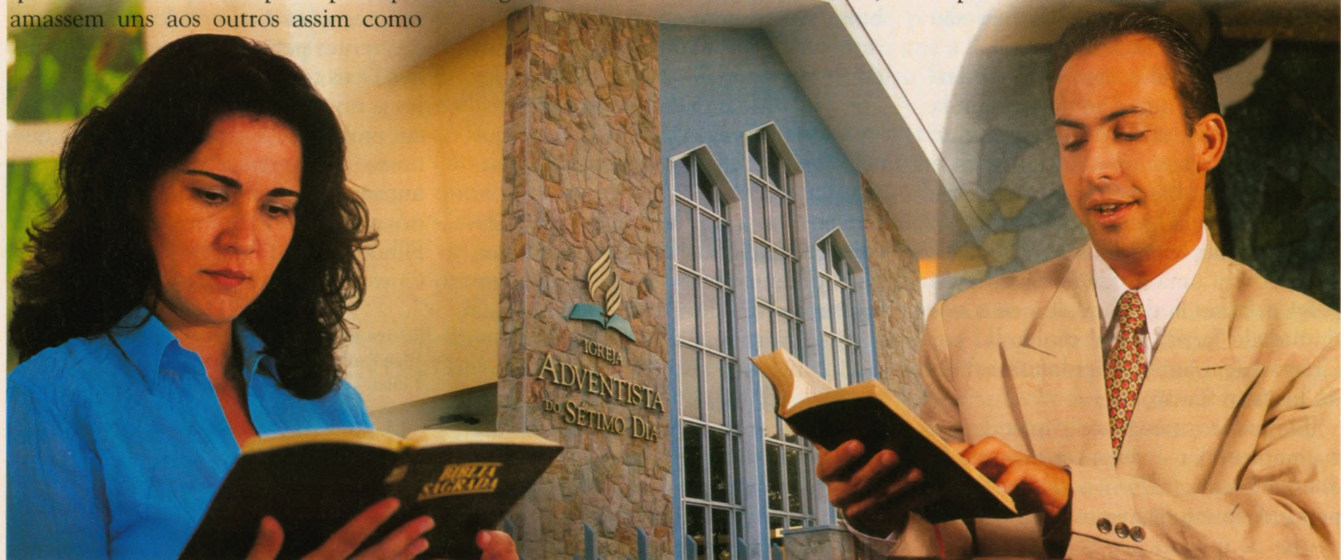
Nossa habilidade para glorificar a Deus, louvá-Lo e ser testemunhas efetivas entre os modernos gentios, hoje, está dependente dessa unidade inspirada em Deus.

COMO ALCANÇAR

Porém, considerando todas as diferenças inerentes a nós e as incríveis pressões que nos cercam, como a unidade pode ser alcançada? Aqui estão alguns fatores que podem torná-la possível:

- Nossas crenças – doutrinas e verdades bíblicas que nos identificam.
- Estilo de vida – modéstia cristã, princípios de saúde, pureza, entre outras práticas.
- Estrutura da Igreja, organização e procedimentos administrativos.
- Programas denominacionais: Desbravadores, Escola Sabatina, Ministério da Mulher, e outros.
- Lição da Escola Sabatina.
- Os escritos de Ellen White e o *Manual da Igreja*.
- Modelo financeiro organizacional.
- Educação teológica e adoração padronizada.

Alguns desses itens focalizam a unidade doutrinária, que é obviamente importante.



Outros enfatizam a habilidade para nos organizarmos e administrarmos efetivamente em uma base global. Cada um é importante e valioso em ajudar a manter a unidade. Mas eu gostaria de adicionar mais um item: a missão. Na verdade, a missão não é apenas a razão mais significativa, mas é o principal método para manutenção da unidade. A maior ameaça à unidade hoje não são as diferenças doutrinárias ou práticas específicas do adventismo que variam de lugar para lugar, nem mesmo as diferentes formas de operação da Igreja em diferentes lugares.

O desafio real à unidade e harmonia eclesíásticas é a tendência humana ao exclusivismo e ao etnocentrismo. Isso leva, inevitavelmente, ao regionalismo, racismo e elitismo, resultando em desconfiança, preconceitos e divisões. É possível estudarmos a mesma lição da Escola Sabatina, usar o mesmo *Manual da Igreja*, partilhar as mesmas crenças e práticas e, por causa de preconceitos, exclusivismo e etnocentrismo, não termos a verdadeira unidade cristã. Entretanto, o compromisso missionário não dispensa a unidade. É através da nossa unidade que o mundo cterá.

CONFIANÇA

Ao mantermos o foco sobre nossa missão de levar o evangelho a todas as pessoas, encontraremos unidade de propósito e ação que nos mantém juntos de modo significativamente profundo e prático, apesar das diferenças. Quando os membros da igreja partilham o mesmo compromisso missionário, alcançando outras pessoas na comunidade próxima ou distante, suas desigualdades culturais, étnicas, sociais, econômicas e educacionais são de menor importância.

A missão produz uma unidade entre os crentes, que é muito profunda mas não requer uniformidade exterior. A unidade mencionada por Jesus e Paulo não era baseada em aparências, mas no amor a Deus e um profundo compromisso com a missão e o testemunho. Era uma unidade espiritual e prática, nascida do fato de que a comunidade cristã fora moldada por Cristo e agia impelida pelo ministério do Espírito Santo.

Enquanto interagimos e aprendemos a compreender e respeitar pessoas de diferentes culturas, sem o espírito de superioridade e julgamento, construímos pontes de tolerância e aceitação. Che-

gamos a compreender que as coisas que nos unem são maiores que as que nos dividem. Ao ampliarmos esse sentimento de inclusão, evitamos o perigo de criar grupos infectados por preconceitos regionalistas e étnicos. Talvez a maior bênção da inclusão é o desenvolvimento da confiança. Como diz um colega de trabalho, “a confiança é a cola que une os grupos”. É a confiança cresce apenas quando chegamos a nos conhecer mutuamente e aprendemos que, a despeito de nossas diferenças, partilhamos identidade e humanidade comuns, fundamentadas em Cristo.

Essa unidade expressa-se em um compromisso comum forjado na bigorna de alvos comuns. Desse modo, aprendemos que aqueles que são muito diferentes de nós são, de fato, confiáveis. Entretanto, para ter verdadeira unidade baseada na confiança, devemos ter oportunidades para nos conhecer e interagir mutuamente.

BÊNÇÃO ADICIONAL

Cada um de nós está em perigo de ver apenas uma parte do quadro que Deus está tentando revelar ao mundo. Talvez, sem perceber, cada um de nós lê a Escritura através da própria lente ou viés cultural, compreendendo bem algumas coisas e perdendo outras. Temos alguns pontos de cegueira teológica por causa de nossas perspectivas e limitações culturais.

Para alcançar todo o quadro do que Deus deseja comunicar ao mundo, necessitamos ouvir uns aos outros. Necessitamos das percepções e sabedoria que outras culturas têm a oferecer. Caso estejamos dispostos a ouvir e aprender, essa ligação contribuirá poderosamente para a unidade, será um fator significativo para nos conservar juntos e nos dará maior compreensão da verdade.

“Não há pessoa, nem nação, que seja perfeita em todo hábito e pensamento. Devemos aprender uns com os outros. Portanto, Deus quer que as diferentes nacionalidades se misturem, para que todos sejam um em julgamento e propósito. Então, a união que há em Cristo será exemplificada.”²

UNIDADE E DIVERSIDADE

Ao enfrentarmos a necessidade e o desafio de desenvolver a unidade, sempre encontraremos a tentação de focalizar a uniformidade como meio de alcançá-la. A unidade é essencial

para a Igreja, mas uniformidade é não apenas irreal como também pode não ser saudável.

Paulo e a comunidade cristã primitiva lutaram com essa questão (ver Atos 15), na medida em que judeus, romanos, gregos, prosélitos, escravos e outros se uniam à igreja, com diferentes visões a respeito do culto e da vida cristã. Contudo, Paulo e os líderes daquela época não esperaram ou exigiram uniformidade de prática entre as igrejas que estabeleciam. Havia unidade na crença em Cristo como o Messias, fé no evangelho e na promessa de Sua vinda, em seu compromisso de viver uma vida transformada e, acima de tudo, no compromisso de partilhar as boas-novas com outras pessoas. Unidade, sim; uniformidade, não.

Ralph Winters afirma: “Eu creio pessoalmente que unidade não implica uniformidade, e creio que deve haver algo como uma diversidade saudável na sociedade humana e na igreja cristã. Vejo a igreja mundial como a reunião de uma grande orquestra sinfônica, não exigimos que toda pessoa toque um violino para que possa se juntar aos demais. Convidamos as pessoas para seguir a mesma partitura – a Palavra de Deus – mas tocando instrumentos diferentes. Dessa forma, haverá um som celestial, que crescerá em harmonia, esplendor e glória a Deus, à medida que cada novo instrumento é adicionado.”³

Amizade, compreensão, partilha, respeito, confiança. Esses são os tijolos necessários à construção do edifício da unidade cristã. Cada um deles é um subproduto da missão corretamente desempenhada. Ao liderarmos nossas congregações no sentido de alcançar descrentes perto ou longe, permitamos que Deus concretize em nós a oração de Jesus no sentido de que sejamos “um” em propósitos e objetivos. É assim que nosso testemunho causará poderoso impacto no mundo. Ao verificar em nós a unidade existente entre o Pai e o Filho, o mundo conhecerá e crerá em Cristo como o enviado de Deus. ❖

Referências:

- ¹ Jan Paulsen, *Adventist Review*, 13/07/2000, pág. 1.
- ² Ellen G. White, *Historical Sketches of the Foreign Missions of the Seventh-day Adventists* (Basle: Imprimerie Polyglotte, 1886, reimpresso em 1979, 1985 e 1989), pág. 137.
- ³ Ralph Winters, editor, *Perspectives on the World Christian Movement: A Reader* (Pasadena, CA: William Carey Library, 1981 e 1992), b:171.

EXPLORANDO O APOCALIPSE



Hans K. LaRondelle

Professor emérito do
Seminário Teológico da
Universidade Andrews,
Estados Unidos

*“Bem-aventurados
aqueles que lêem
e aqueles que ouvem
as palavras da
profecia e guardam
as coisas nela
escritas...”*

Para alguns eruditos, o livro do Apocalipse é o mais difícil de ser interpretado no Novo Testamento. Porém, há pelo menos três chaves que nos ajudam a compreender as dificuldades desse livro. Como ponto de partida, devemos lembrar que, ao descrever suas visões, João usou um estilo hebraico do grego, porque ele pensava em hebraico. Meticulosa análise sintática do grego utilizado pelo apóstolo mostra que ele usou o texto hebraico do Antigo Testamento como fonte original. Isso nos obriga a buscar o significado teológico das referências feitas ao Antigo Testamento e sua história da salvação.

Sendo cristão hebreu, João adotou a linguagem e o estilo de expressão do concerto de Israel, algo que era familiar aos cristãos judeus habituados com Moisés, os salmos e os profetas. O Apocalipse alude à história do concerto israelita mais de 600 vezes, e isso aponta a primeira chave para a compreensão do livro: As visões simbólicas de João têm suas raízes e significado na Bíblia hebraica. Portanto, ter conhecimento do Antigo Testamento é essencial para captarmos o significado da linguagem profética no Apocalipse.

“O Antigo Testamento em geral desempenha tão grande papel, que uma compreensão apropriada do seu uso é necessária, a fim de termos uma visão adequada do Apocalipse como um todo.”¹

USO CRIATIVO DO ANTIGO TESTAMENTO

Não necessitamos impor algum método filosófico de interpretação ao Apocalipse, como literalismo ou alegorismo. Porém, precisamos fazer perguntas cujas respostas nos informem o método pelo qual João une a Palavra de Deus nas Escrituras hebraicas com o testemunho de Jesus no Novo Testamento, e como ele harmoniza Israel com a igreja cristã.

Já no início do livro, João apresenta três chaves interpretativas: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer... a Palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo” (Apoc. 1:1 e 2). Uma leitura cuidadosa dessas palavras indica a chave-mestra que estava na mente de João e que é nossa diretriz para a compreensão do livro: Deus, Jesus Cristo e Sua revelação à igreja.

Consideremos primeiramente cada uma dessas autoridades divinas em Seu relacionamento mútuo: 1) A nova revelação de Jesus Lhe foi dada por “Seu Deus e Pai” (1:6), o Deus do concerto, o que implica o caráter fundamental do Antigo Testamento como Palavra de Deus. 2) Esse Deus revela uma nova orientação da história da salvação, porque confia Seu governo soberano ao Senhor Jesus Cristo ressuscitado, que agora revela o plano divino a Seus servos. 3) João resume tudo o que lhe foi mostrado como “a Palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo” (1:2). Essa frase coloca Deus e Cristo no mesmo nível de autoridade, pois a construção gramatical das duas partes da frase é similar.

Deus e Cristo agora revelam Seu testemunho como um sagrado encargo que a igreja recebe e mantém como supremo padrão de fé e adoração, mesmo perseguida e em face da morte. Com algumas variações, João usou essa frase para descrever a igreja fiel, em tempos de apostasia e perseguição, através do livro (Apoc. 1:9; 6:9; 12:17; 14:12; 20:4).

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

De que modo João apresenta suas chaves interpretativas dentro do Apocalipse? Na introdução, ou prólogo, ele apresenta o principal tema do livro; e então o desenvolve em suas visões. Por exemplo, observemos a impressionante semelhança entre os prólogos do seu evangelho (João 1:1-18) e o do Apocalipse (1:1-8). Nos dois casos, João testifica da glória divina e do testemunho autorizado de Cristo (João 1:1-3; Apoc. 1:1 e 5).

Ao passo que o prólogo do evangelho culmina com a glória da Encarnação (João 1:14), o do Apocalipse tem seu clímax no glorioso retorno de Cristo (Apoc. 1:7). Desse modo, o Apocalipse funciona como continuação da história do evangelho e constrói sobre o testemunho terrestre de Jesus.

No fim do primeiro século, já não era necessário, como antes, argumentar que Jesus Cristo tinha cumprido as promessas messiânicas do Antigo Testamento e que a igreja era a herdeira escolhida dessas promessas. Agora, a questão urgente era a consumação das promessas do Antigo Testamento por ocasião da volta de Cristo.

LIGAÇÃO COM DANIEL

Segundo João, o livro é a “revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu”. Essa declaração informa a igreja que o Apocalipse tem a mesma inspiração e autoridade que as Escrituras hebraicas. Na conclusão do livro, o Senhor identifica-Se, apelando à palavra profética de Deus: “Eu, Jesus, enviei o Meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a brilhante estrela da manhã” (Apoc. 22:16).

Assim, o Apocalipse de João reivindica ser o “testemunho de Jesus Cristo” para a igreja. Nesse testemunho, o Senhor ressuscitado revela o plano de Deus. Jesus Se identifica como o Messias davídico, anunciado pelos profetas (Isa. 11:1 e Núm. 24:17). Portanto, o

testemunho de Jesus está em harmonia com a palavra profética de Deus.

Então, qual é o conteúdo de Seu testemunho para a igreja que espera Sua volta? João revela: “mostrar... as coisas que... devem acontecer [*ha dei genesthai*]”. Essas palavras são uma referência explícita às mesmas palavras de Daniel: “mas há um Deus nos Céus, o qual revela os mistérios; pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias” (Dan. 2:28); “o que há de ser futuramente” (v. 45).

O uso da palavra “deve” (*dei*) é de profundo significado, pois relaciona-se ao plano e providência do Deus de Israel para o futuro eterno da humanidade. Esse Deus não apenas conhece o futuro; também “muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis” (Dan. 2:21), e determina o glorioso desfecho da História segundo Sua vontade (Dan. 2:44 e 45). Como afirma Walter Grundmann, “é o *dei* do misterioso Deus que cumpre Seus planos para o mundo na consumação escatológica”.² O “deve” divino inclui não apenas os embates humanos (Mat. 24:6), mas centraliza-se, primariamente, na bênção da morte expiatória do Messias (Mat. 16:21; Mar. 10:45), na proclamação do evangelho do reino (Mar. 13:10) e na prometida restauração universal do Paraíso (Atos 3:21).

A referência feita a Daniel (Apoc. 1:1) sugere que o Apocalipse deve ser compreendido junto com as visões de Daniel sobre os planos e propósitos futuros de Deus. Esse modelo de referência é parte integral da primeira chave para o entendimento do Apocalipse. Segundo eruditos modernos, Daniel é o mais influente dentre os profetas hebreus referidos no Apocalipse,³ sendo que o último livro da Bíblia conduz a fé profética de Israel através de um novo princípio interpretativo de cumprimento da história da salvação: o cumprimento cristológico.

O cumprimento histórico das profecias messiânicas de Israel no ministério terrestre de Jesus já fora o tema central do Seu testemunho nos quatro evangelhos. O tema do Apocalipse é reafirmar à igreja de Cristo que as profecias do tempo do fim encontrarão sua consumação final nele e no povo da Sua nova aliança. Isso fica evidente ao compararmos as promessas feitas às sete igrejas de Apocalipse 2 e 3 com as promessas concebidas nas visões da Nova Jerusalém para os

seguidores de Deus e do Cordeiro (Apoc. 20-22). Assim, Apocalipse assegura o breve cumprimento das profecias seladas de Daniel.

Comparando Daniel 2:28 e 45 com Apocalipse 1:1, vemos a íntima ligação entre os dois livros: “o que há de ser nos últimos dias”; “as coisas que em breve devem acontecer”; “o que há de ser futuramente”. Parece que João substitui as expressões de Daniel: “nos últimos dias” e “futuramente”, por “em breve”. A nova ênfase de João sobre um “breve” cumprimento das profecias de Daniel marca um decisivo progresso na história da salvação. Embora o livro de Daniel estivesse selado “até ao tempo do fim” (Dan. 12:4), João anuncia o cumprimento das visões desse profeta sobre o futuro no qual o reino de Deus será estabelecido na Terra.

MINISTÉRIO CONTÍNUO

João proclama que Deus tomou uma nova iniciativa na história da salvação em Jesus Cristo, através de Sua morte, ressurreição e exaltação no Céu. Esse ato de Deus é algo decisivo para a fé cristã. Por essa razão, João chama seu Senhor “a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o soberano dos reis da Terra” (Apoc. 1:5). Esses títulos unem o testemunho terrestre de Cristo ao Seu ministério celestial. Na visão do livro com sete selos na mão de Deus, João focaliza o novo papel de Cristo como regente da humanidade como sendo fundamental na história da salvação (Apoc. 5).

Em tudo isso, é significativa a repetida ênfase no mérito de Cristo para governar a humanidade e o Universo: “Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos” (Apoc. 5:5). Essa designação do Senhor ressuscitado só pode ser compreendida à luz das Escrituras hebraicas e suas promessas messiânicas (Gên. 49:10; Isa. 11:1-10). De que maneira João explica a vitória de Jesus na Terra?

Eis a resposta: “Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como setes olhos” (Apoc. 5:6). João vê um Messias morto. Ou seja, Ele é conquistador porque tornou-Se o Cordeiro sacrificial de Deus. A natureza dessa conquista de Cristo é crucial para João, porque, nas sete cartas, ela é o modelo de vencedor para o

cristão (Apoc. 2:7, 11 e 17; 3:21). Gregory Beale o explica muito bem: “O próprio Cristo venceu mantendo Sua lealdade ao Pai através do sofrimento e, finalmente, morte. Ele foi fisicamente derrotado, mas espiritualmente vencedor.”⁴

Em Apocalipse 5, João mostra como o Pai, em uma cerimônia solene, na sala do trono celestial, entrega a soberania do reino ao Jesus ressuscitado. O Cordeiro toma o livro dos selos “da mão dAquele que estava sentado sobre o trono” (Apoc. 5:7). O Senhor crucificado e ressurreto agora começa a abrir os sete selos (6:1), porque está autorizado a executar o julgamento de Deus, o que levará ao estabelecimento do Seu reino na Terra. Em resposta, o Universo inteiro canta louvores a Deus e ao Cordeiro (Apoc. 5:13 e 14). Desse modo, a visão de Apocalipse 5 funciona como o cumprimento inicial da visão de Daniel sobre a vinda do “Filho do homem” ao Pai, para receber a soberania sobre a igreja e o mundo, mesmo antes de o juízo começar.

“Ao tomar o livro, todo o destino da humanidade é colocado nas mãos do Cristo entronizado. Esse livro é, na verdade, o livro celestial do destino, sobre cuja base Cristo deveria julgar. Conseqüentemente, é o livro do juízo”,⁵ explica Stefanovic.

OS APÓSTOLOS E A PROFECIA

O cumprimento progressivo da palavra profética de Deus é confirmado pelos apóstolos. No dia de Pentecostes, Pedro anunciou que Jesus foi exaltado à destra de Deus, como Senhor e Messias, e que os preditos “últimos dias”, ou a

era messiânica, haviam chegado (Mar. 1:15). A prova visível da entronização de Cristo foi o derramamento do Espírito Santo, em cumprimento da profecia de Joel (Atos 2:16, 17, 33-36; Joel 2:28 e 29). O autor do livro aos hebreus também afirma a revelação progressiva de Deus: “Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas” (Heb. 1:1 e 2). O Deus que inspirou os profetas de Israel agora tem falado de modo superior e mais completo, através do Seu Filho Jesus Cristo.

João ainda elevou o histórico autotestemunho de Jesus ao nível de uma verdade salvífica: “Ora, este é o testemunho de Deus, que Ele dá acerca do Seu Filho. ... E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1 João 5:9-12).

A relação entre as promessas divinas e seu cumprimento em Jesus, entre os Antigo e Novo Testamentos, é de testemunho progressivo, fluindo sempre do mesmo Deus da aliança. O testemunho histórico de Jesus, conforme relatado nos evangelhos, é a chave autorizada para

compreensão do significado da Palavra de Deus em Moisés e os profetas. No Apocalipse, esse testemunho é a aplicação cristológica inspirada das profecias de Daniel, Ezequiel, Joel e Zacarias, uma vez que elas extrapolam o ambiente literal e histórico de Israel, alcançando a Era da igreja.

Até aqui, notamos que João aludiu ao Antigo Testamento na descrição de suas visões sobre “as coisas que em breve devem acontecer”. Essa referência à Escritura hebraica contém a primeira chave para a compreensão das visões apocalípticas. Tal uso do Antigo Testamento aponta-nos não apenas as raízes hebraicas da fé cristã, mas também ao contexto teológico e literário do Antigo Testamento.

O livro do Apocalipse assume que o Deus de Israel é o “Deus e Pai” de Jesus Cristo (1:1 e 6), e que o plano divino para o mundo será cumprido por meio do Messias, que participa da identidade de Deus (Apoc. 1:8, 17; 21:6 e 22:13). Desde o início, o “Apocalipse de Jesus” adota e redefine o curso da história da salvação, conforme esboçada no livro de Daniel (Apoc. 1:1 e 19; Dan. 2:28 e 29; 10:21). Mas, como poderiam os cristãos judeus estar absolutamente seguros de que Jesus de Nazaré era o Messias da profecia, e que o Jesus que fora crucificado estava governando a partir do trono de Deus no Céu? Como poderiam eles



estar seguros de que Jesus era o Rei-Messias, enquanto muitos do Seu povo eram lançados a feras famintas ou amarrados e queimados em postes, como tochas humanas, nos dias do Império Romano?

João recebeu essa certeza em sua visão inaugural do livro: “Quando O vi, caí a Seus pés como morto. Porém Ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas, Eu sou o primeiro e o último e Aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno” (Apoc. 1:17 e 18).

Aqui, ele testifica que o Senhor ressuscitado Se identifica com o Jesus histórico, a quem ele conhecera pessoalmente, sobre cujo peito reclinara a cabeça, e cujo testemunho relatou no quarto evangelho. A identificação feita por João está baseada na histórica ressurreição de Jesus. Como “primogênito dos mortos” e “sendo Ele as primícias dos que dormem” (I Cor. 15:20), Cristo é a fonte da fé e da esperança cristã. Foi uma experiência pessoal com Ele que inspirou os santos e os animou a perseverar na fidelidade a Deus até o fim.

O SANGUE DO CORDEIRO

João começa a louvar seu Senhor como “Aquele que nos ama e pelo Seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o Seu Deus e Pai, a Ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos” (Apoc. 1:5 e 6). Essa doxologia reconhece a morte expiatória de Jesus, por amor à humanidade. O derramamento do “Seu sangue”, no sacrifício da cruz, libertou o crente do pecado, uma declaração que lembra a emancipação histórica de Israel do Egito, como casa da escravidão: “O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando Eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando Eu ferir a terra do Egito” (Êxo. 12:13).

A referência feita a Jesus como o Cordeiro Pascal torna-se mais explícita através das 28 vezes em que João Lhe dá o título de “Cordeiro”. Apocalipse 5:6, 7, 12 e 13 são apenas algumas dessas ocasiões. O simbólico título “Cordeiro” afirma a validade de Sua morte “em resgate por muitos” (Mar. 10:45), sendo o coração do evangelho apostólico (João 1:29; I Cor. 5:7; 15:1-4; Rom. 3:25; I Ped. 1:18-20; Heb. 1:3;

9:14 e 22). Por esse importante símbolo de Cristo, João indica que o evangelho é o tema dominante do Apocalipse. Roy C. Naden estabelece corretamente que “através do livro, esse símbolo de Jesus conserva nossos olhos focalizados em nossa única fonte de redenção”.⁶

O apóstolo João também assegura aos santos que eles serão vencedores sobre o maligno “por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho” dado em face da morte (Apoc. 12:11), que eles estão escritos “no livro da vida do Cordeiro” (Apoc. 21:27), cantarão com Israel “o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro” (Apoc. 15:3) e clamarão “Aleluias” nas “bodas do Cordeiro”, no Céu (Apoc. 19:7).

Com base em Sua obra de redenção efetuada, Jesus envia Seus seguidores como Suas testemunhas em todo o mundo (Atos 1:8). À igreja de Pérgamo, Ele assegura: “Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o Meu nome e não negaste a Minha fé, ainda nos dias de Antipas, Minha testemunha, Meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita” (Apoc. 2:13).

FILHO DO HOMEM

Em sua visão inicial, João viu Cristo ministrando em meio a “sete candeleros de ouro”, e O descreveu como “um semelhante a filho de homem, com vestes tálares e cingido, a altura do peito, com uma cinta de ouro” (Apoc. 2:12 e 13). Ele adotou a descrição de Daniel de “um como o Filho do homem” (Dan. 7:13), para identificar o Senhor ressuscitado que ministra como Rei-Sacerdote em favor de Sua igreja na Terra. Essa aplicação sacerdotal do “Filho do homem” de Daniel é uma interpretação evangélica, nova para o judaísmo. João não estava aplicando a expressão “Filho do homem” de Daniel exclusivamente ao julgamento final. Ele foi comissionado pelo Sacerdote celestial a escrever num livro o que viu e enviar às sete igrejas localizadas na Ásia Menor de seu tempo (Apoc. 1:11).

Assim, o Apocalipse de Jesus teve relevância imediata para a igreja nos dias de João, e tem relevância para a igreja de todos os tempos até que o Senhor venha. A ênfase de Cristo no sentido de a igreja conservar o que recebeu era uma forma de referir-Se ao

evangelho apostólico (I Cor. 15:1 e 2). A guarda fiel desse evangelho habilitará cada crente a, pela graça de Cristo, ser vitorioso em meio à “provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a Terra”, no fim do tempo (Apoc. 3:10).

Aqueles que estão perdendo a visão de Jesus, mergulhados em sua justiça própria e autocomplacência, vivendo vida espiritual enganosa, são convidados a voltar-se para Seu Salvador e Senhor. A igreja laodiceana, especialmente, encontra-se em sério perigo de perder as bênçãos do evangelho (Apoc. 3:14-21). Como “Testemunha fiel e verdadeira”, Jesus apela: “Eis que estou à porta e bato” (Apoc. 3:20), e aconselha: “de Mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas” (Apoc. 3:18).

Em 1888, muitos adventistas começaram a compreender a importância fundamental do “evangelho eterno”, acima da ênfase unilateral dada à Lei até então. Na esteira desse despertar, Ellen White escreveu em 1892: “A mensagem laodiceana está soando. ... Justificação pela fé e justiça de Cristo são os temas que devemos apresentar a um mundo em perigo... Ele nos convida a comprar vestiduras brancas, que representam Sua gloriosa justiça; e colírio, para que possamos discernir as coisas espirituais. Oh, não abriremos a porta do coração a esse visitante celestial...?”⁷

Essa preocupação coloca o evangelho no centro das cartas às igrejas apocalípticas. Este é o ministério sacerdotal de Cristo: tornar Sua igreja uma luz da verdade salvadora e santificadora no mundo. – *Continua* ❀

Referências:

- 1 Gregory K. Beale, *John's Use of the Old Testament in Revelation*. JSNT Suppl. Ser. 166, Sheffield Ac. Press, 1998, pág. 61.
- 2 Kittel's *Theological Dictionary of the New Testament*, 2:23.
- 3 Gregory K. Beale, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: NIGTC, Eerdmans, 1999), pág. 77.
- 4 *Ibidem*, pág. 353.
- 5 Rankov Stefanovic, *The Background and Meaning of the Sealed Book of Revelation 5*, tese doutoral, Andrews University, 1995, pág. 322.
- 6 Roy C. Naden, *The Lamb Among the Beasts* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1996), pág. 25.
- 7 Ellen G. White, *SDABC*, vol. 7, pág. 964.

CAMINHO PARA A EFICÁCIA



Marcos Militão

Diretor de
Ministério Pessoal na
Missão Costa-Norte

*Sugestões
que ajudam a
aprimorar o
funcionamento
dos pequenos
grupos*

Desde cedo, o ser humano procura se identificar com um grupo. Aprendemos que, sozinho, ninguém alcança eficácia na vida. Através dos nossos relacionamentos, diálogos, participação e comunicação, compreendemos que “há sempre alguém, um referencial, um suporte, uma estrutura que nos incentiva e nos impulsiona para a realização”.¹

Não é por acaso que “surgem assim, os fenômenos de grupos: pessoas que se juntam com objetivos definidos, defendendo causas, criando projetos, desenvolvendo ações sociais comunitárias, cumprindo ordens, ‘jogando conversa fora’, enfim, buscando ou desenvolvendo os mais variados objetivos”.² Foi Deus quem colocou no ser humano esse desejo de se relacionar, pertencer, amar e ser amado, tudo isso através da convivência.

Os grandes pensadores modernos dizem que o futuro já chegou e trouxe consigo mudanças, novos conceitos, esfacelamento de alguns paradigmas e exigindo muita habilidade e agilidade nos processos da vida cotidiana. A igreja não pode ser indiferente a isso; pois, Deus, em Sua onisciência, providenciou um organismo com uma estrutura altamente eficaz, que prepara a igreja para suprir as necessidades humanas. Referimo-nos aos pequenos grupos.

PEQUENOS GRUPOS COMO EQUIPES

Nunca se enfatizou tanto elementos como parceria, liderança, mudanças, qualidade e motivação, como sendo importantes para a sobrevivência e o crescimento de qualquer organização. A igreja, mesmo não sendo uma empresa ou instituição humana, não pode descartar esses elementos em sua tarefa de pregar o evangelho a todo o mundo. Por isso, é necessário fundirmos a eficiência da quantidade dos pequenos grupos com a eficácia de sua metodologia, ou seja, transformá-los em equipes de trabalho.

“Especialistas em desenvolvimento humano têm afirmado que os grupos caminham juntos, mas não se afinam. Equipes compreendem seus objetivos e engajam-se em alcançá-los, de forma compartilhada. Numa equipe, portanto, há comunicação verdadeira, existe confiança mútua entre seus membros, os riscos são assumidos juntos, as habilidades de uns possibilitam o complemento das habilidades dos demais... enfim, há respeito, mente aberta e cooperação.”³

Parceria. Líderes do passado buscavam parceria e conselhos. Moisés trabalhou junto com Arão, atendeu o conselho de Jetro e aliou-se a Josué. Ações isoladas tornam mais difícil a concretização de objetivos. “A Obra não será terminada enquanto os membros não se unirem em serviço.”⁴ Enquanto não houver parceria íntima entre pastores e membros voluntários, o crescimento da igreja será estorvado.

Liderança. “Não são o suporte, as características, ramo de atividades, tamanho físico, quantidade de funcionários, números de clientes ou cifras da conta bancária que fazem uma empresa, instituição, entidade religiosa, agremiação ou qualquer

ajuntamento de gente ser uma equipe ou ter equipes coesas, produtivas, comprometidas, bem relacionadas entre si, autogeridas e felizes. O que faz um grupo ser uma equipe começa pelo líder. Líder que se sente responsável por quem ele cativou, que incentiva, vibra, enaltece e elogia o processo e os resultados de um trabalho realizado. Líder que compartilha, ouve, delega, agradece e parabeniza. Líder de saia ou de calça. Não importa! Líder gente, convivendo, sentindo, cuidando, gerindo e gerando novos líderes. Líderes que acreditam que o trabalho em equipe é o caminho mais eficaz para a excelência.”⁵

Mudanças. Mudar é desenvolver de modo responsável os preconceitos. Ninguém pode mudar externamente sem que, antes, essa mudança ocorra em seu íntimo. “As mudanças pessoais podem abranger diferentes níveis: nível cognitivo (informações, conhecimentos, compreensão intelectual), nível emocional (emoções e sentimentos, gostos, preferências), nível atitudinal (percepções, conhecimentos, emoções e predisposição para ações integradas) e nível comportamental (atuação e competência).”⁶

Se continuarmos andando pelos mesmos caminhos, só chegaremos aos mesmos resultados anteriores. Os pequenos grupos têm ajudado a igreja a andar por outros caminhos e, conseqüentemente, conseguir melhores resultados. Portanto, mude.

Qualidade. Não basta alguém ser bom no que faz; tem que ser o melhor. Esse é o pensamento dos grandes competidores no mundo empresarial. A igreja não existe para competir, mas necessita melhorar constantemente a qualidade de seus relacionamentos, o atendimento coletivo e individual de seus membros e visitantes.

“Deus requer ordem e método em Sua obra hoje, não menos do que nos dias de Israel. Todos os que estão a trabalhar para Ele devem fazê-lo inteligentemente, não de maneira descuidada, casual. Ele quer que Sua obra seja feita com fé e exatidão, para que sobre ela ponha o sinal de Sua aprovação.”⁷

Motivação. Durante muito tempo, estivemos liderando a igreja de forma coletiva e generalizada. Achávamos que o melhor era dizermos: vocês, ao invés de “você”; e ouvirmos: nós, em lugar de “eu”. Em termos psicológicos, isso não tem o mesmo efeito

quando personalizamos o trato e as respostas. Ver a igreja como uma multidão de indivíduos faz parte da metodologia do século passado, e não produz motivação individual suficiente para termos uma congregação dinâmica, viva e feliz. Ver o indivíduo na multidão, por outro lado, faz parte do plano de Deus para este tempo e prepara a igreja para uma obra mais ampla e eficaz.

*A Obra
não será
terminada
enquanto os
membros não se
unirem em
serviço*

OBJETIVOS VERSUS PROPÓSITOS

Algumas pessoas têm grande facilidade para misturar e fundir os conceitos de objetivos e propósitos. Contudo, propósitos são elementos que devem ser utilizados para se chegar aos objetivos. No caso dos pequenos grupos, os objetivos estão bem definidos: crescimento espiritual e evangelismo. Mas os propósitos precisam ficar bem claros na mente dos membros, caso contrário, os objetivos não serão alcançados.

Uma ênfase excessiva nos objetivos dos pequenos grupos, sem divulgação, acompanhamento e assimilação dos propósitos, por parte dos membros, significa colocar a igreja para cruzar um oceano em um navio sem botes salva-vidas. Isto é, sabe-se onde chegar, mas descarta-se os elementos de sobrevivência tão necessários.

Enquanto não equilibrarmos os propósitos dos pequenos grupos, não conseguiremos ver os líderes e membros cumprindo seus respectivos papéis. Como resultado, teremos uma igreja parcialmente envolvida, buscando realização e satisfação naquilo que não preenche todas as necessidades dos participantes.

TRATAMENTO PERSONALIZADO

“As pessoas se realizam nos contextos comunitários em que estão inseridas, tanto para dar respostas às exigências profundas do seu eu social, quanto para suprir suas necessidades existenciais. Assim são elas: dependentes e carentes, revelando nos grupos em que convivem características que lhe são peculiares, como: Interesse, intenções, desejos, frustrações, expectativas, medos, sentimentos.”⁸

“Quanto mais a igreja cresce, mais importantes se tornam os pequenos grupos em sua função de cuidado pastoral. Eles dão o toque pessoal que todo mundo necessita, especialmente em momentos de crise.”⁹ Proporcionam tamanha afinidade, que facilitam o cuidado pessoal e a atenção merecida a todos os membros. E devem estar direcionados para atender os mais variados propósitos e interesses, tais como relacionamento, aprendizado e adoração.

Não podemos esquecer onde queremos chegar: crescimento qualitativo e quantitativo. Porém, afirmar que o segredo para essa conquista é a definição e utilização de um só fator como elemento facilitador, é uma atitude simplista. A igreja tem muitas necessidades a serem satisfeitas. Portanto, o caminho mais seguro é o redirecionamento, divulgação e assimilação dos propósitos dos pequenos grupos.

Antes de qualquer coisa, todo participante de um pequeno grupo precisa ter bem claras as respostas para estas perguntas: Por que os pequenos grupos existem (origem divina)? Para que existem (propósitos)? Onde (objetivos) devem chegar? Se esse tripé não estiver bem assentado e claro na mente de cada componente, toda estrutura estará comprometida. “O tempo é breve, e nossas forças têm de ser organizadas para produzirem uma obra boa.”¹⁰ ◊

Referências:

- ¹ Albigenor & Rose Militão, *Jogos, Dinâmicas & Vivências Grupais*, pág. 7.
- ² *Ibidem*.
- ³ Fela Moscovici, *Equipes Dão Certo*, pág. 48.
- ⁴ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 352.
- ⁵ Albigenor & Rose Militão, *Op. Cit.*, pág. 9.
- ⁶ *Ibidem*, pág. 19.
- ⁷ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 376.
- ⁸ Albigenor & Rose Militão, *Op. Cit.*, pág. 13.
- ⁹ Rick Warren, *Uma Igreja com Propósitos*, pág. 396.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 295.

SENHOR DOS DESEJOS



Gaston Clouzet

Pastor jubilado,
reside em Libertador
San Martín, Entre Ríos,
Argentina

*O senhorio
de Cristo
supera todas
as tentativas
humanas para
exercitar o
domínio
próprio*

Não faz muito tempo, estudamos na Escola Sabatina uma lição com o tema deste artigo. E acreditamos ser conveniente fornecer informações adicionais sobre o assunto, em benefício dos leitores de *Ministério*. Ao criar o ser humano, o Senhor lhe presenteou algumas necessidades básicas. Por exemplo, necessitamos nos alimentar, para continuar vivendo e, pela mesma razão, precisamos beber água. Também precisamos nos reproduzir, para a perpetuação da espécie. Nesse sentido, disse Deus a Adão e Eva: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a Terra...” (Gên. 1:28).

Tais necessidades determinam desejos como a vontade de comer e beber. E também temos desejos sexuais. Submetidos ao senhorio de Jesus, esses desejos são santos, justos e bons, não possuindo, absolutamente, nada de mau em si mesmos. No entanto, com sua natureza pecaminosa, o ser humano os distorce e perverte, transformando-os em objeto de prejuízo ao próprio corpo, mente e espírito. O apetite converte-se em gula, que é responsável por várias doenças. A vontade distorcida de beber induz ao consumo de bebidas estimulantes, até alcoólicas, levando o homem a ser escravo do vício.

Desejos distorcidos, insubmissos ao Senhor, produzem necessidades artificiais, fictícias, que exigem pronta satisfação e acabam acarretando grandes males. Sem controle, o sexo leva à fornicação, adultério e homossexualidade, com suas conseqüências às vezes trágicas. Portanto, convém submetemos nossos desejos ao Senhor. Somente assim eles serão mantidos e satisfeitos dentro dos limites assinalados por Sua vontade, o que nos trará grandes bênçãos. Mas a significativa pergunta é: Como tornar isso possível?

TENTATIVAS HUMANAS

No curso da História, os seres humanos têm sido conscientizados desse problema e têm recorrido a uma série de expedientes em busca de solução. Na Idade Média, por exemplo, muitos crentes, homens e mulheres, recolhiam-se em conventos, na tentativa de dominar os desejos, atrás dos muros desses edifícios e das férreas cláusulas de votos monacais. A fim de combater a gula, praticavam jejuns freqüentes e prolongados. Buscando subjugar a sede, abstinham-se de beber. Para mortificar o corpo, submetiam-se a vigílias prolongadas e flagelavam-se ao ponto de sangrarem. Foi nessa época que surgiu a prática do celibato, como recurso controlador dos desejos sexuais.

Ainda que a Idade Média seja história, em alguns círculos cristãos essas tentativas continuam tendo lugar. Qual tem sido o resultado? Quase nenhum; porque tudo o que têm alcançado é muito sofrimento. Desejos e apetites continuam vivos e ativos, para grande frustração dos que imaginavam alcançar plena santidade através das várias tentativas de controle.

A ORIGEM

A fórmula medieval de combate aos desejos não tem fundamento bíblico. Como,

então, teria surgido? Para responder a essa pergunta temos que recorrer à História. Em sua busca de expansão pelo Império Romano, a Igreja cristã primitiva teve de enfrentar a cultura greco-romana e experimentou um êxito descomunal. Tanto foi assim que, em poucas décadas, o cristianismo destruiu a religião pagã e ocupou seu lugar. Quando Constantino (280-377 d. C.) promoveu o cristianismo à religião do Império, não fez nada além de reconhecer um fato evidente: o cristianismo exercera profunda influência sobre a civilização da época e a modificara irreversivelmente.

Porém, o que nem sempre é dito é que, por sua vez, a civilização greco-romana exerceu profunda influência sobre a Igreja cristã, modificando especialmente seu corpo doutrinário, a tal ponto que, já no século 4, ainda que conservasse o nome de cristã, a Igreja não era nem sombra da comunidade fundada por Cristo e difundida pelos apóstolos. As mudanças foram muitas, e vamos limitar-nos àquelas que estão relacionadas com o assunto da sujeição dos desejos.

A PALAVRA DOS FILÓSOFOS

A civilização greco-romana era sustentada por dois pilares: a religião e a filosofia. Mesmo no cristianismo da Idade Média, observamos mais que vestígios da religião pagã; a influência maior foi exercida pela filosofia grega. Houve muitos filósofos gregos na Antiguidade, mas destacamos três deles: Sócrates (469-399 a. C.), Platão (427-367 a. C.) e Aristóteles (388-322 a. C.). Certamente, esses eram gigantes intelectuais que discorreram sobre muitos assuntos. No que tange à sujeição dos desejos, eles ensinaram que os seres humanos estão constituídos por dois elementos completamente distintos, antagonísticos e perfeitamente separáveis, ou seja, alma e corpo.

Segundo esses filósofos, todo mal observado no mundo e na natureza humana tem origem na matéria, que é má e sem remédio. Sendo o corpo matéria, também é mau. A alma é espiritual e boa, está vocacionada à perfeição, deseja ascender às mais elevadas alturas, porém encontra-se presa no cárcere do

corpo. Ainda de acordo com esses pensadores, o corpo está inclinado à baixeza e abriga todo mau que se manifesta na vida de uma pessoa: gula, lascívia, pensamentos e desejos maus.

PENSAMENTO GNÓSTICO

Nos séculos 1 e 2 da Era Cristã, no próprio seio da cristandade, surgiu um grupo imbuído das idéias filosóficas pagãs. Esse grupo é conhecido como os gnósticos, palavra derivada do termo grego *gnose*, cujo significado é “conhecimento”, “ciência”. Os gnósticos pretendiam ter, por disposição divina, um conhecimento especial que supostamente lhes fora revelado pelo Espírito Santo. Segundo eles, Jeová, o Deus do Antigo Testamento, criador da matéria, era um deus de segunda classe ao qual chamavam Demiurgo. Era inimigo do verdadeiro Deus, que eles diziam conhecer e a quem representavam.

Os gnósticos já haviam feito incursões nas fileiras do cristianismo, durante o primeiro século, mas foram combatidos pelos apóstolos. O apóstolo

Paulo se refere a eles, quando escreveu: “E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado, evitando os falatórios inúteis e profanos, e as contradições do saber [gnose], como falsamente lhe chamam” (I Tim. 6:20).

João também adverte seus leitores, tendo em mente os gnósticos: “Nisto reconhecéis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo” (I João 4:2 e 3). E acrescenta: “Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo” (II João 7).

Presumidamente seguidores de Jesus, os gnósticos não admitiam que Ele tivesse vindo em carne, ou seja, em corpo humano. Argumentavam que, se assim tivesse sido, Cristo não poderia ser o Santo capaz de levar o

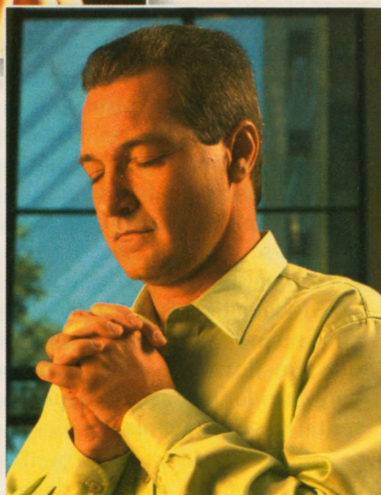


Foto: William de Moraes e Elio Köhler - Ilustração: JoCard

plano de salvação ao clímax; afinal, o corpo é matéria; portanto, incuravelmente mau. Ensinavam que Jesus tinha apenas “aparência” de corpo humano.

É interessante notar que João atribuiu essas idéias ao anticristo, que os cristãos primitivos sabiam que deveria vir. Devemos nos lembrar de que o prefixo “anti”, no grego, não significa necessariamente “contra alguém”, mas “em lugar de alguém”. Com isso em mente, entenderemos melhor que as doutrinas gnósticas tenham sido aceitas, pelo menos em parte, pela Igreja apóstata, que pretendia ocupar o lugar de Cristo no plano da salvação, usurpando Sua autoridade para perdoar pecados e oferecer salvação.

GNOSTICISMO E CRISTIANISMO MEDIEVAL

Não podemos detectar rastros dos gnósticos muito aquém do século 2, pois eles finalmente desapareceram. Mas suas idéias perduraram e foram incorporadas ao conjunto de doutrinas da Igreja oficial da Idade Média, nos séculos posteriores. Se fizéssemos uma lista de algumas dessas doutrinas gnósticas poderíamos mencionar, entre outras, as seguintes:

A idéia de que os seres humanos são compostos de um corpo mau e uma alma boa, que deve ser salva.

A idéia de que, para mortificar o corpo, é preciso subjugar desejos e apetites, mesmo em detrimento da saúde. É preferível que o corpo morra para que a alma seja salva. Isso explica os flagelos, jejuns e vigílias prolongados.

A idéia de que a pior coisa do corpo é a sexualidade, que deve ser reprimida sem misericórdia. Daí o culto à virgindade e ao celibato.

CARNE E ESPÍRITO

Porém, aqui surge um problema. No Novo Testamento, encontramos as expressões “carne” e “espírito”. Com efeito, Cristo disse a Nicodemos: “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito” (João 3:6). Seria essa declaração uma base bíblica para os ensinamentos dos filósofos gregos e dos gnósticos? Certamente, não. As doutrinas gnósticas carecem de respaldo bíblico. As Escrituras apresentam Deus como criador de tudo o que existe, incluindo a matéria. O mundo, cuja criação é descrita nos primeiros capítulos de Gênesis, era material. Adão e Eva possuíam um corpo criado por Deus. Quando o Se-

nhor qualificou Sua criação, “viu ... que tudo era muito bom” (Gên 1:31).

No Novo Testamento, encontramos estas afirmações: “Acaso não sabeis que vosso corpo é o santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (I Cor. 6:19). Em lugar de ser a prisão indesejável da alma boa, o corpo é o templo do Espírito Santo. Referindo-se à ressurreição, escreveu o apóstolo: “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual...” (I Cor. 15:44). Isso era um contra-senso para os filósofos e os gnósticos. Na compreensão deles, esses termos eram antagônicos e excludentes. Porém, não é assim para os que têm a mente de Cristo.

Então, a que se referem as Escrituras, quando mencionam “carne” e “espírito”? A expressão “carne” (*sarkós*, em grego) é um termo que poderia ser qualificado de técnico. Jesus e o apóstolo o empregam em referência à natureza pecaminosa, adquirida pelo ser humano quando este pecou, e transmitida aos seus descendentes. É essa natureza que distorce os desejos e os converte em pecaminosos e prejudiciais.

Por outro lado, a palavra “espírito” (*pneumatós*) refere-se à natureza regenerada pela graça de Deus, recebida no momento da justificação, e que é consolidada dia a dia, mediante o processo de santificação. Diz mais o apóstolo Paulo: “Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia”. Tudo isso está relacionado com a distorção dos desejos sexuais. Mas o apóstolo continua: “idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias...” (Gál. 5:19-21). Esses são pecados que têm que ver com a distorção de relacionamentos, adoração e da necessidade de comer e beber.

Já “o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio...” (Gál. 5:22 e 23). O domínio próprio, ou temperança, por definição é o uso moderado do que é bom e abstinência do que é mau. Portanto, os nascidos do Espírito têm desejos normais, não distorcidos pela natureza pecaminosa.

CORPO, MENTE, ESPÍRITO

De acordo com as Escrituras, os seres humanos não são constituídos pe-

los dois clássicos elementos dos filósofos gregos – corpo e alma –, mas de três aspectos que formam uma unidade indivisível: corpo, mente e espírito. Paulo apresenta o fundamento bíblico para esse conceito: “O mesmo Deus vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (I Tess. 5:23). As palavras gregas das quais foram traduzidos os termos “espírito, alma e corpo” são, respectivamente, *pneuma*, *psuchê* e *soma*.

Ao criar o homem, Deus o fez do pó da terra, soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. Deus criou um ser total: corpo, mente e espírito, e não um corpo com alma. Esses três fatores são inseparáveis. Destruindo-se um, são destruídos simultaneamente os demais. A alma imortal dos filósofos e gnósticos não existe nas Escrituras Sagradas. Portanto, não existe algo como destruir o corpo para, desse modo, tentar salvar a alma. Essa não é a forma de controlar os desejos de um ser humano.

A SOLUÇÃO

Se nem jejuns, vigílias, flagelos nem celibato são úteis para dominar os desejos do corpo e mente carnis, qual é o método bíblico para alcançar tal experiência? A resposta é: única e exclusivamente o poder de Deus, infundido na alma de todo aquele que aceita a Jesus como Salvador pessoal. Quando acontece tal experiência, o Espírito Santo toma posse do espírito humano e o transforma milagrosamente. Esse é o novo nascimento, descrito em João 3, e a nova criatura, mencionada em II Coríntios 5:17.

O homem carnal, dominado por sua natureza pecaminosa, não pode controlar seus desejos. Não importa o que faça por si mesmo, jamais o conseguirá. Por isso, monges, freiras e ermitões da Idade Média fracassaram; assim como fracassarão todos os que, ainda hoje, tentarem se valer desses métodos. Martinho Lutero foi um dos que mais se esforçaram nesse sentido. E somente conseguiu quando descobriu o evangelho, “poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”. Esse poder continua sendo o único método eficaz para vencermos quaisquer obstáculos em nossa vida espiritual. Ele tem origem divina – Jesus Cristo, o Senhor de tudo, incluindo nossos desejos. ❁

TEMPO DE COLHER



Dan Serns

Secretário ministerial da União do Pacífico Norte, Vancouver, Estados Unidos

Sugestões que ajudam a envolver a igreja na campanha anual de colheita

A maioria dos adventistas já ouviu que “a igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens”.¹ E nossos irmãos, de modo geral, desejam ver pessoas acrescentadas à igreja através do batismo. Porém, às vezes, muitos deles parecem distraídos quanto à missão ou não estão seguros do que fazer para levar pessoas a Cristo e ao batismo.

Imaginei oferecer algum auxílio a fim de podermos capacitar e fortalecer o trabalho desses fiéis irmãos, tornando-os mais efetivos em seu testemunho pessoal. Os três passos apresentados a seguir também podem contribuir para o aprimoramento do nosso trabalho pastoral.

LEMBRE-SE DE QUE A SEARA É GRANDE

O Espírito Santo está trabalhando no coração de toda pessoa, desde o dia em que ela vem ao mundo, até o dia em que morre (João 3:5-8; 16:8; II Ped. 3:9). Algumas são muito receptivas e acatam a mensagem tão logo a transmitimos. De acordo com o evangelista Mark Finley, 5% das pessoas, em qualquer parte do mundo, estão desesperadamente procurando experimentar algo melhor do que têm, sabem, esperam e sentem.

Residindo em Wenatchee, Washington, certo domingo precisei viajar, mas, ao chegar ao aeroporto, fui informado de que o vôo fora cancelado por causa do nevoeiro. “Como posso ir agora ao Alaska, onde farei uma palestra nesta noite?”, perguntei. “Você pode ir a Seattle e tentar um vôo a partir de lá. Se sair agora, terá tempo de sobra. Gostaria que eu tentasse fazer a reserva daqui?”, foi a resposta do agente. Respondi afirmativamente. Um rapaz e uma moça estavam em pé junto ao balcão e me pediram carona até Seattle. Eu os atendi.

Fomos então para o automóvel. Os “passageiros” colocaram uma sacola no banco traseiro, a moça virou-se para o rapaz e disse: “Tchau”; acomodando-se no banco dianteiro do carro, ao meu lado. Subitamente, a situação se tornou diferente de tudo o que eu imaginara. Pensei: “O que faço agora, Senhor?” A resposta de Deus foi: “Ore em voz alta.” Falei então à jovem: “Sempre gosto de orar, antes de começar uma viagem.” A moça começou a chorar e, entre soluços, exclamava: “Você é um cristão! Isto é outra resposta às minhas orações!”

Disse-lhe também que, normalmente, eu não viajo sozinho com uma mulher que não seja da minha família. E ela me disse que era uma aeromoça ansiosa para chegar em casa e encontrar novamente seus três filhos. Havia um ano, o homem com quem estivera casada por doze anos a deixara por outra mulher de 21 anos que estava grávida de sete meses e com um filho de outro homem. Quando ela sentiu seu mundo cair, clamou a Deus com angústia de alma, e agora sentia que Ele estava ensinando às crianças e a ela mesma a confiar nEle cada dia. Uma dessas lições ocorrera no mês de dezembro, anterior ao nosso encontro. Ela tinha dito às crianças que não teriam nada especial para o Natal. Porém, na semana seguinte, receberam mil dólares de um

doador anônimo que se dizia deseioso de ajudar alguém necessitado.

E continuou sua história: “Neste fim de semana, viajei a Wenatchee, de graça, para resolver um problema, e pedi a Deus que providenciasse um meio de voltar para casa. Ele me respondeu, com esta carona, e logo estarei em casa.” O tempo ia passando, e ela relatava outras experiências de orações respondidas. A certa altura da conversa, ela expressou sua tristeza por ter perdido o culto daquela manhã em sua igreja. E acrescentou: “Bem, nesta viagem encontrei uma igreja.”

Todos os dias, em todos os lugares, encontramos pessoas com as quais Deus está trabalhando: o carteiro, o aluno, o professor, o vendedor, o vizinho, o passageiro sentado ao nosso lado no avião ou no ônibus, o frentista do posto de combustível, a faxineira, a lavadeira, o cobrador do pedágio, o policial, o caixa ou o gerente do banco, o farmacêutico, o médico, o caixa do supermercado, o parente e o amigo que nunca demonstraram interesse pelas coisas espirituais, e assim por diante.

Cada dia, devemos orar para que o Senhor nos guie às pessoas que estão sendo impressionadas pelo Espírito Santo, e nos ajude a abordá-las. Como pastores, podemos cooperar com Deus e orientar nossas congregações a fazer o mesmo, no sentido de alcançar pessoas sinceras.

ENTENDA O CICLO DA COLHEITA

Necessitamos compreender o ciclo da colheita e planejar de acordo com ele. No último trimestre de 2004, participei da reunião do planejamento evangelístico de uma igreja para o ano seguinte. Dirigi-me a um dos membros daquela comissão, o diácono-chefe, que eu sabia ser plantador de maçãs, e o interroguei:

“Irmão Miguel, nestes quatro anos, tenho observado a colheita de maçãs e gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Por que os ceifeiros não tomam aquelas grandes caixas usadas durante a colheita, colocam-nas sob as macieiras, e simplesmente esperam que Deus faça cair as maçãs na caixa?”

Ele respondeu: “Como fruticultores, compreendemos muito bem qual é a parte de Deus e qual é nossa parte. Podemos plantar, cultivar, regar e colher. Somente Deus pode fazer a chuva cair, o Sol brilhar e o fruto crescer. Há uma seqüência que é necessário seguir.”

“Há quanto tempo o irmão está envolvido na colheita?”, perguntei. “Há trinta anos”, ele respondeu. “Comecei quando tinha dez anos, contra minha vontade, mas fui obrigado a ajudar meu pai que também era fruticultor.”

“O irmão tem alcançado melhoras no processo da colheita, ao longo desses trinta anos?”, insisti. “Claro”, ele disse. “Em cada colheita faço o meu melhor e tento aprender algo que ajude a do ano seguinte a ser melhor. Foi assim que me tornei consultor de uma grande empresa de fruticultura em nossa região.”

Argumentei que, sendo consultor, ele não necessitaria estar envolvido pessoalmente no trabalho de colheita. Mas ele contrapôs: “Oh, não. Tenho que me envolver diretamente. Se não fizer isso, simplesmente esquecerei o que realmente funciona. No tempo da colheita, tudo é posto em função dela. O ceileiro pode necessitar de pintura, a cerca talvez necessite reparos, mas terão de esperar. Quando chega o tempo certo, necessitamos que todo pessoal esteja à disposição da colheita.”

“Durante a colheita, o irmão arranca toda maçã?”, continuei perguntando.

“Não”, ele respondeu. “Os colhedores necessitam aprender como fazer o trabalho. Se a maçã se soltar, está madura. Se acontecer o contrário e eles continuarem puxando, a maçã pode ser avariada, apodrecer e estragar outras maçãs na caixa. Se os colhedores não tirarem a maçã no tempo certo, ela cairá de madura e apodrecerá. Com alguns tipos de maçãs, necessitamos fazer a varredura através da plantação umas quatro vezes, para conseguir o máximo de frutas, porque algumas amadurecem em proporções diferentes.”

Nesta altura do diálogo, já estávamos todos fazendo anotações mentais e tirando conclusões, as quais relaciono abaixo:

1. Muitos membros da igreja ficam apenas observando o trabalho de buscar e colher conversos, mas nunca se envolvem pessoalmente nessa tarefa.

2. Na colheita de almas, Deus faz Sua parte e nos ajuda a fazer a nossa. Não deveríamos simplesmente nos limitar a ver quem “cairá” no batistério da igreja. Temos que semear, regar, cultivar e colher.

3. Há uma seqüência a ser obedecida, caso queiramos ter melhores colheitas de almas. Se planejarmos com isso em mente, veremos mais pessoas envol-

vidas na evangelização, na colheita e no discipulado de novos membros.

4. Quanto mais tempo nos envolvemos na colheita, melhor a executaremos, caso sejamos humildes aprendizes. Não deveríamos ficar argumentando: “Tentei levar alguém a Cristo e não funcionou.” É melhor perguntar: “O que posso aprender das experiências anteriores, para fazer melhor da próxima vez?”

5. Algumas pessoas que se envolveram nessa tarefa, inicialmente relutaram, mas aprenderam a amar o trabalho. Ao observar como Deus o está usando em Seu trabalho, você ficará cada vez mais entusiasmado.

6. Missionários voluntários e evangelistas de sucesso se tornam mais e mais incentivados por suas conquistas, crescem e se transformam em bons consultores, passando a treinar outros.

7. Todo pastor e cada membro da igreja necessita envolver-se pessoalmente nas atividades evangelísticas, especialmente se, no caso dos membros, eles são líderes na congregação. Os consultores – aqueles que são assalariados como pastores distritais, administradores, departamentais e obreiros de outras áreas da Igreja, bem como aqueles que lideram a igreja local – necessitam se envolver diretamente na missão que Deus nos confiou.

8. Durante as campanhas de colheita, tudo deve ser colocado em função dessa empreitada, porque tudo o que existe na igreja tem objetivo missionário; e toda pessoa é necessária para se alcançar esse objetivo.

9. Ao convidarmos alguém para tomar a decisão pelo batismo, deveríamos dar suaves “puxões”, ou seja, fazer apelos. Se a pessoa estiver madura, ela tomará a decisão. Se não estiver amadurecida e forçarmos a decisão, ela pode até decidir; mas depois causará problemas à igreja.

10. Caso a pessoa não esteja devidamente amadurecida para se decidir, não devemos demorar em fazer nova tentativa. Nesse ínterim, é possível que ela tenha amadurecido. Finda a campanha de colheita, é valioso ter um plano de continuidade do trabalho, para que os indecisos tenham nova chance de decidir.

Naquela reunião, decidimos que teríamos dois ciclos de colheita durante o ano seguinte. Então, escrevemos uma declaração introdutória do plano e listamos cinco ações básicas necessá-

rias, baseadas no ensinamento de Jesus sobre a conquista de novos conversos:

“Cremos que o Espírito Santo está trabalhando continuamente para atrair pessoas de todos os lugares, e prepará-las, a fim de que sejam missionárias da mensagem adventista. Aqui estão cinco coisas que podemos fazer para cooperar com o que Ele está realizando:

“Orar e jejuar. ‘Então, os discípulos, aproximando-se de Jesus, perguntaram em particular: Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo? E Ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível. Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum’ (Mat. 17:19-21).

“Semear. ‘Vós sois o sal da Terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas

obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus’ (Mat. 5:13-16).

“Cultivar. ‘... ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado’ (Mat. 28:20).

“Colher. ‘Os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão’ (Sal. 126:5).

“Discipular. ‘Jesus, aproximando-Se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.’ (Mat. 28:18-20).”

ESPECIFIQUE METAS E ATIVIDADES

No ciclo de colheita, os alvos e ações devem ser bem especificados: Quantos interessados se pretende alcançar, quantos estudos bíblicos devem ser ministrados, por quantos batismos estarão trabalhando. Como, quando e por quem será executada a continuação da colheita? Que pessoas liderarão as equipes de música, recepção, oração, visitação, cuidado das crianças, ornamentação, sonoplastia, etc.? Qual será o custo do projeto? De onde virão os recursos? É indispensável que se trabalhe com orçamento.

Somente na eternidade poderemos medir os resultados reais de um investimento evangelístico. Ali, por séculos intermináveis, estaremos com pessoas que ajudamos a levar a Cristo, através de nosso trabalho pessoal, como “consultores” da igreja, ou pelo treinamento, orientação e capacitação ministrados aos membros. Aqui está uma cena para ser imaginada:

“Com indizível amor Jesus dá as boas-vindas a Seus fiéis, para ‘o gozo’ do Senhor. O gozo do Salvador consiste em ver, no reino de glória, as pessoas que foram salvas por Sua agonia e humilhação. E os remidos serão participantes de Sua alegria, vendo eles, entre os bem-aventurados, os que foram ganhos para Cristo por meio de suas orações, trabalhos e sacrifícios de amor. Reunindo-se eles em redor do grande trono branco, indizível júbilo lhes encherá o coração ao contemplarem os que ganharam para Cristo, e verem que um ganhou a outros, e estes ainda outros, todos trazidos para o porto de descanso, para ali deporem sua coroa aos pés de Jesus e louvá-Lo pelos séculos interminos da eternidade.”²

Referências:

¹ Ellen G. White, *Serviço Cristão*, pág. 15.

² _____, *O Grande Conflito*, pág. 647.

CALENDÁRIO DE EVENTOS

Este é um modelo do roteiro seguido por nossa igreja. Você pode adaptá-lo à sua realidade, levando em conta suas férias, seu período anual de trabalho e outras particularidades.

Semana de oração e jejum (3-10 de janeiro).

Nessa fase, a igreja é inspirada e conscientizada de sua missão. Cada pessoa pode escolher um dia para jejuar; porém, todos devem fazer um jejum de tudo o que afasta da missão. É uma semana de reavivamento, consagração às coisas espirituais, entrega pessoal.

Semeadura. Mês de janeiro

Todo membro deverá distribuir 100 peças de alguma literatura, durante o mês de janeiro. No último sábado da semana de oração e nos dois restantes, toda a igreja é organizada para uma investida especial de distribuição de literatura.

Cultivo. Abrange o trimestre fevereiro-abril.

Os interessados serão atendidos com estudos bíblicos (utilize qualquer série apropriada) nos lares, pequenos grupos ou classes bíblicas na igreja.

Colheita. As duas últimas semanas de abril.

Recursos audiovisuais e outros equipamentos devem ser disponibilizados também aos pregadores leigos. Convites são distribuídos. Membros da igreja e dos pequenos grupos levam seus interessados para as reuniões. A campanha é encerrada com cerimônia batismal. Outros batismos se seguirão.

Discipulado. Entre maio e julho.

Envolve assistência, orientação doutrinária pós-batismal e treinamento dos novos membros, integrando-os aos pequenos grupos. Nessa fase, eles são ensinados a partilhar a fé com amigos, familiares e vizinhos.

Em julho

Realiza-se a semana de oração dos jovens, com a qual o processo é reiniciado.

MAIS QUE UM DESAFIO



Reinder Bruinsma

Presidente da
União Holandesa

*O pós-modernismo
tem aspectos
que minam a
mensagem bíblica
e a certeza de
salvação.
Mas também
oferece grandes
oportunidades*

Quando o modernismo deu lugar ao pós-modernismo? É impossível definir com precisão o início e o fim de períodos históricos ou culturais como esses. Somente a perspectiva da História é capaz de prover um quadro razoavelmente claro dessas megatendências. A visão mais plena do que está acontecendo agora em nosso mundo se tornará mais clara apenas gradualmente; mas que alguma coisa está acontecendo e que o mundo está em grande transição, não existe a menor dúvida.

Quando usamos a palavra “moderno”, ou seus derivados, para nos referirmos ao período que se seguiu à Idade Média, fazemos isso de modo particular. Trata-se de um rótulo para o Projeto Iluminista que se pôs em andamento quando a abordagem cartesiana da filosofia começou a minguar.

O famoso dito de Descartes: “Penso, logo existo” tornou-se o fundamento para uma nova forma de olhar os seres humanos e Deus. O ser humano autônomo, inteligente, e logo também fortalecido pelo novo método científico que foi desenvolvido por Francis Bacon e Isaque Newton, tornou-se a medida de todas as coisas. Estava destinado a resolver os problemas do mundo. Deus ficaria à distância, embora leis naturais mantivessem o Universo em seu curso, de forma ordenada. O futuro seria marcado por um contínuo progresso, enquanto os recursos do planeta seriam cada vez mais explorados para benefício humano.

Entre o fim do século 19 e o início do século 20, o Iluminismo começou a perder influência, com a entrada em cena de Friedrich Nietschze e Sigmund Freud. Novas abordagens filosóficas que focalizavam a linguagem e a interpretação de textos começaram a florescer, emitindo uma mensagem de relativismo, incerteza e até pessimismo. Como se isso não bastasse, o Holocausto tornou impossível a vida continuar como antes.

Filósofos na Europa e nos Estados Unidos começaram a enfatizar que o tempo das grandes idéias como o marxismo, comunismo e cristianismo havia passado. Declaravam que já não havia nenhum esquema todo-abrangente que oferecesse uma compreensiva explicação da vida. Em vez disso, diziam eles, existem apenas histórias fragmentadas e contraditórias de indivíduos e grupos em toda a sua diversidade. Não existem absolutos; a verdade foi substituída pelas verdades, proclamavam.

A partir dos anos 70, o termo pós-moderno passou a ser usado para descrever as mudanças que se tornavam mais e mais aparentes nas artes, na arquitetura, e também na filosofia e na teologia. Hoje, o termo tem-se tornado um rótulo que pode ser aplicado a quase tudo, embora seja uma palavra imprecisa. Pós-modernidade pode significar diferentes coisas para diferentes pessoas. Contudo, é inegável que alguma coisa está em andamento, particularmente no mundo ocidental. A Era Iluminista chegou ao fim, e estamos participando, queiramos ou não, de um momentoso processo de mudanças.

CARACTERÍSTICAS

O que é um indivíduo pós-moderno? O que pensa? O que faz? Em que lugares po-

demos encontrar homens e mulheres pós-modernos?

Não faltam livros descrevendo as principais características da mentalidade pós-moderna. De acordo com muitos autores, existe um tipo superficial de pós-modernismo, que é quase sinônimo de consumismo e hedonismo, e que permite a seus adeptos viver grande parte da vida em um mundo virtual. Contudo, há algo mais do que isso e, em muitos casos, essa descrição poderia ser imparcial.

Dirigidos pelo Espírito Santo, podemos nutrir corações modernos e pós-modernos

Em lugar de descrever a média dos pós-modernos como “artificialmente felizes”, “ansiosos por divertimento”, ou “indivíduos frívolos”, talvez fosse melhor usar metáforas como “nômades” ou “mutáveis”. Também poderia ser dito que, com certa frequência, determinadas pessoas concentram em si mesmas um misto de modernidade e pós-modernidade.

Aqui está um resumo das características mais observáveis na abordagem pós-moderna da vida. A lista pode não ser exaustiva, embora ajude muito a compreendermos e reconhecermos as tendências pós-modernas.

1. A mentalidade pós-moderna não crê que todas as coisas se tornarão melhores. Ela abandonou a idéia de progresso, e já não vê a ciência como uma bênção incondicional, conforme antigamente se pensava.

2. Não existem absolutos. Todos nós temos nossas verdades privativas. Comunidades e culturas têm seu próprio jogo de linguagem. Tudo é subjetivo, relativo, incerto, contingencial e ambíguo.

3. As grandes narrativas e os grandes ideais desapareceram.

4. Indivíduos pós-modernos parecem uma justaposição de elementos incompatíveis. Na arte, por exemplo, gostam de misturar estilos, confundindo as linhas entre o real e o virtual.

5. Cientistas já se mostram mais modestos em seus argumentos e confessam que, não raro, só vêem o que querem ver, e que muitos dos chamados fundamentos da ciência podem não ser tão firmes.

6. As pessoas sabem que vivem numa aldeia global. O computador – símbolo de pós-modernidade – lhes dá acesso instantâneo ao mundo. Porém, ao mesmo tempo, estratégias e alianças globais estão sob suspeitas e há forte interesse em questões regionais e locais.

7. Os pós-modernos desconfiam da religião institucional, mas são abertos à espiritualidade. Alguns advogam uma espécie de enfeitiçamento do mundo. Apreciam o mistério e trabalham para popularizar a abordagem sobrenatural, segundo o modelo da Nova Era, das questões da vida.

O IMPACTO

Tão logo nos despertamos para as principais características da mentalidade pós-moderna, fica mais fácil observar o impacto que exerce em todas as coisas. Perceba as modernas construções nas grandes cidades ocidentais. Já não se vê aquelas “modernas caixas”, estruturas monótonas de concreto, ferro e vidro. Há um toque ornamental muito forte, combinam-se estilos de períodos diferentes, de modo que os edifícios possam contar sua própria história.

As tendências pós-modernas estão presentes nas produções teatrais e televisivas, nos filmes, que deixam o espectador surpreso em relação a onde termina a realidade e começa a ficção. A política não está fora da influência pós-moderna. Em certas regiões da Europa, por exemplo, a maior parte da população concorda com a idéia de uma unidade europeia, mas ao mesmo tempo faz qualquer coisa para proteger o dialeto local.

Não é difícil detectar o pensamento pós-moderno dirigindo a conduta religiosa e eclesiástica de muitos ocidentais. Religião sim; igreja institucional não. Experiência e emoção são aprovadas, mas doutrinas são consideradas irrelevantes. Verdade absoluta é substituída por “o que funciona para mim”. E há muitas formas legítimas de interpretação da Bíblia, conforme os leitores.

O cristianismo é uma opção religiosa entre uma série de religiões mundiais. Todas são respostas igualmente válidas, histórica e culturalmente condicionadas do ser humano às coisas do “além”.

O pecado é reduzido a um senso de mera frustração de que as coisas não tenham sido feitas conforme as expectativas, deixando pouquíssimo ou nenhum espaço para algo como expiação, onde Alguém assume a minha defesa.

Não raro, pós-modernistas que se voltam para o cristianismo revelam desejo de escolher quais ensinamentos vão aceitar e se mostram relutantes quando são chamados a assumir compromisso pleno e permanente.

NA IGREJA ADVENTISTA

A onda do pós-modernismo não tem ignorado a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Muitas questões e preocupações, particularmente no lado ocidental, estão diretamente relacionadas às influências pós-modernas. Para um número crescente de adventistas ocidentais, a história do adventismo como um movimento mundial, divinamente ordenado, unido por uma teologia e um modelo organizacional, com programas e recursos uniformes, tem sobrevivido à sua liquidação. Mais e mais pessoas tendem a pensar e agir localmente, tendo pouco ou nenhum interesse na hierarquia da Igreja, e desconfiando das estruturas institucionais.

Muitos se dizem cansados de modelos doutrinários e estabelecem sua própria verdade, em boa parte, mas não exclusivamente, dentro da moldura tradicional adventista. Tendem a considerar o adventismo como uma opção religiosa entre outras, e não estão seguros de que suas tradições sejam as da única igreja verdadeira.

O estilo de culto tem mudado muito, com ênfase crescente na experiência, música contemporânea, drama e reuniões informais. A disciplina tradicional da Igreja tem perdido muito de seu poder corretivo, e uma ampliação cada vez maior das linhas de fronteira toma lugar.

Nota-se um questionamento da nossa eclesiologia. O que é a igreja? É uma instituição universal? É visível, histórica, institucional, ou é a igreja invisível de todos os tempos? É um pequeno remanescente, com uma mensagem que muda de foco e ênfase, sempre que uma era cristã cede lugar a outra?

É a Igreja Adventista do Sétimo Dia a única verdadeira, devendo todas as demais ser rotuladas como Babilônia? Ou é apenas mais uma opção ao lado de um leque amplo de opções

igualmente válidas? Talvez, alguns podem pensar, o adventismo represente uma opção especial, que oferece vantagens não disponíveis em outro lugar.

A questão com a qual alguns que são influenciados pelo pós-modernismo se defrontam pode ser: Possui o adventismo a verdade absoluta na Teologia, ou deveríamos ser um pouco mais modestos e dizer que nossa igreja faz apenas uma significativa contribuição à rica diversidade do cristianismo? As respostas são difíceis e são determinadas pela mentalidade de quem as oferece.

ADVENTISTA MODERNO E PÓS-MODERNO

É perigoso estigmatizar pessoas. A maioria delas simplesmente não cabe com perfeição neste ou naquele modelo. Isso também é verdade quando tentamos separar adventistas modernos e adventistas pós-modernos. Feita essa observação, consideremos os perfis elaborados a seguir, lembrando que eles não são exatos; mas, são basicamente verdadeiros.

Os adventistas modernos são a maioria e estão em qualquer lugar. São tradicionais, conservadores em suas crenças e no modo como vêem a igreja e o mundo que os cerca. Acreditam na história do adventismo como o remanescente de Deus, com uma missão mundial, seu surgimento designado por Deus no momento certo da História e sua vitória final.

Adventistas modernos crêem em absolutos, rejeitando questões que possam minar a certeza dos crentes. Defendem a posição histórica da Igreja com respeito a doutrinas, estrutura organizacional, estilo de culto e ética. Eles dão forte ênfase à escatologia e são firmemente anti-ecumênicos. Mantêm uma elevadíssima visão da inspiração da Bíblia e dos escritos de Ellen White. São defensores das praxes e do *Manual da Igreja*. Desejam que a Igreja permaneça unida e acreditam que essa unidade é nutrida através de programas uniformes e um sólido sistema de administração.

Por sua vez, os adventistas pós-modernos constituem uma crescente minoria, particularmente em países ocidentais (Estados Unidos, grande parte da Europa e Austrália), com grupos menores em outras regiões do mundo. Tendem a ser instruídos e geralmente vivem nas metrópoles. Não demonstram o mesmo interesse dos irmãos modernistas na história

do adventismo, fixando-se mais o âmbito regional ou local. Não raro, desconfiam da hierarquia denominacional, como já foi dito antes, e simplesmente ignoram o escalão superior da estrutura organizacional. Dizem-se cansados da autoridade eclesiástica e não estão muito preocupados com a disciplina da Igreja, suas praxes e seu manual.

Adventistas pós-modernos tendem a permitir diversidade na doutrina, e querem escolher quais das 27 crenças fundamentais vão aceitar. Sua religião é muito menos racional que o adventismo tradicional. Experiência, celebração, louvor e Espírito Santo são palavras-chave para o modo como muitos deles querem “fazer” a igreja.

Eles são abertos a influências externas, revelando disposição para negociar crenças ou procedimentos, pois usualmente vêem os outros cristãos, especialmente os evangélicos, sob uma luz mais positiva do que vê o moderno adventismo. O adventista pós-moderno, com certa frequência, alimenta reservas quanto a assumir um compromisso total com a Igreja e sua mensagem.

DESAFIOS

O pós-modernismo secular e interno confronta a Igreja com tremendos desafios. De que maneira ela pode continuar unida, quando as pessoas operam sob premissas tão diferentes e já não vêem da mesma forma sua identidade e missão? Como os líderes se relacionam com aquelas pessoas que têm diferentes idéias sobre a importância das doutrinas e das crenças fundamentais? Como a Igreja será mundialmente afetada pelo crescente desinteresse, demonstrado por alguns segmentos, na sua estrutura e programas globais? Devem essas tendências ser judiciosamente bem-vindas, ou ser fortemente rejeitadas e combatidas com unhas e dentes? Existe um caminho de meio termo?

Gostaria de sugerir que não chegássemos a conclusões precipitadas. Tanto o modernismo como o pós-modernismo têm facetas que estão em tensão com o evangelho de Jesus Cristo. A velha questão do relacionamento entre cultura e evangelho tem reaparecido em nova roupagem. Na verdade, é importante que o evangelho responda às questões levantadas pelo pós-modernismo e que os pregadores sejam sensíveis ao modo como o povo sente, pensa e reage.

Ao mesmo tempo, toda cultura – incluindo o pós-modernismo – deve ser julgada pelo evangelho. Não necessitamos e não devemos aceitar o pluralismo e o relativismo do pós-modernismo. O argumento segundo o qual todas as grandes histórias perderam seu valor não pode impedir-nos de proclamar a história do nosso Senhor Jesus Cristo.

O pós-modernismo tem aspectos que minam o coração da mensagem bíblica e a certeza da salvação, mas também oferece grandes oportunidades. Por causa das atitudes básicas que são parte e parcela da pós-modernidade, temos uma porta aberta para falar de religião. Há sede por espiritualidade e uma considerável abertura para o sobrenatural. Há mais boa vontade para ouvir relatos daqueles que tiveram um real encontro com Cristo do que havia em décadas passadas.

A questão crucial é: Como podem os adventistas modernos e pós-modernos permanecer juntos, dialogar e crescer juntos, analisar juntos e conversar sobre o conteúdo essencial da mensagem bíblica, em lugar de falar sobre formas culturais nas quais o evangelho é pregado e sobre como a Igreja opera? Permitirá a liderança da Igreja tal diálogo? Irá encorajá-lo? Ou tentará proteger suas conquistas “modernas” a qualquer custo?

A verdade reside apenas em Jesus Cristo. Contudo, seria possível existirem verdades modernas e pós-modernas que nos ajudem a descobrir a Verdade? Somente quando aprendemos a ouvir uns aos outros, quando compreendemos que vivemos em um tempo de transição (ou será o tempo do fim?) e quando continuamos a buscar respostas relevantes para nossos contemporâneos, no estudo da Bíblia, com mente aberta e dirigida pelo Espírito Santo, sim, somente então, somos capazes de nutrir corações modernos e pós-modernos. É assim que construímos a igreja em amor e descobrimos caminhos de alcançar todas as pessoas que nos cercam.

Costumamos estabelecer diferença entre adventistas conservadores e liberais. Porém, talvez essa não seja a classificação mais importante. O maior desafio entre nós é a divisão entre modernos e pós-modernos. Que Deus nos conceda sabedoria e determinação para que nos mantenhamos unidos e firmes, buscando alcançar os dois grupos. ◉

“**A**ngustiado com a provação da Diáspora, rabi Ball Shem Tov desejava ardentemente forçar a mão do Criador, como os judeus acreditavam ser possível, para que Ele enviasse logo o Messias tão esperado. Ball Shem disse haver tentado muitas vezes, sem êxito. Agora, afirmava, parecia estar muito perto de ter sucesso. Porém, novamente fracassou. Por causa de sua insolência, ele e seu fiel escriba foram deportados para uma ilha distante, onde se tornaram prisioneiros de piratas. O escriba insistiu para que o rabi dissesse ou fizesse alguma coisa. Mas ele disse ser impossível; seus poderes se haviam esgotado. ‘O que foi feito da sua sabedoria secreta, seus dons divinos?’ perguntou o escriba.

“Esqueci tudo”, disse o mestre. ‘Desapareceu tudo. Não me lembro de mais nada.’ Parte do seu castigo foi perda da memória. Baal Shev entrou em desespero, pois em nossa habilidade para lembrar, esconde-se nossa habilidade para esperar. Sem memória, passado, ou história com a qual nos identificamos, perdemos a capacidade para olhar adiante ou modelar o futuro.” – Marguerite Shuster

“**U**m garoto de 13 anos leu sobre o trabalho que o Dr. Albert Schweitzer realizava na África e desejou ajudar. Com dinheiro suficiente para comprar apenas um frasco de aspirina, escreveu à Força Aérea, perguntando se poderiam entregar o frasco do remédio no hospital do Dr. Schweitzer. Radialistas ouviram sobre a história do garoto e tiveram a idéia de lançar uma campanha assistencial. Em pouco tempo, um avião decolava com quatro toneladas e meia de suprimentos médicos, doados ao Dr. Schweitzer. Ao ouvir o relato, o médico disse: ‘Nunca pensei que uma criança pudesse fazer tanto.’” – www.sermons.com

Idéias para ilustrações

“**E**rrei mais de nove mil cestas em minha carreira profissional e também perdi mais de 300 partidas. Em 27 ocasiões, minha equipe confiou-me a responsabilidade de fazer a cesta decisiva, e eu errei o alvo. Perdi a conta de todos os erros que cometi em partidas de basquete.”

“Quem disse isso? Ninguém menos que o maior jogador de basquete de que se tem notícia – Michael Jordan. Todo mundo comete erros.” – Vital Speeches, Outubro de 2005, pág. 761

David Jeremias fala de uma maratona realizada em Riverside, Califórnia. A certa altura, os corredores chegaram a um trecho que não estava devidamente sinalizado. Mike Delcavo, um dos corredores, conhecia o caminho e acenou para que os demais o seguissem. Apenas quatro atenderam. Os outros, ironizando a atitude de Delcavo, tomaram a direção errada e perderam a chance de terminar a corrida.

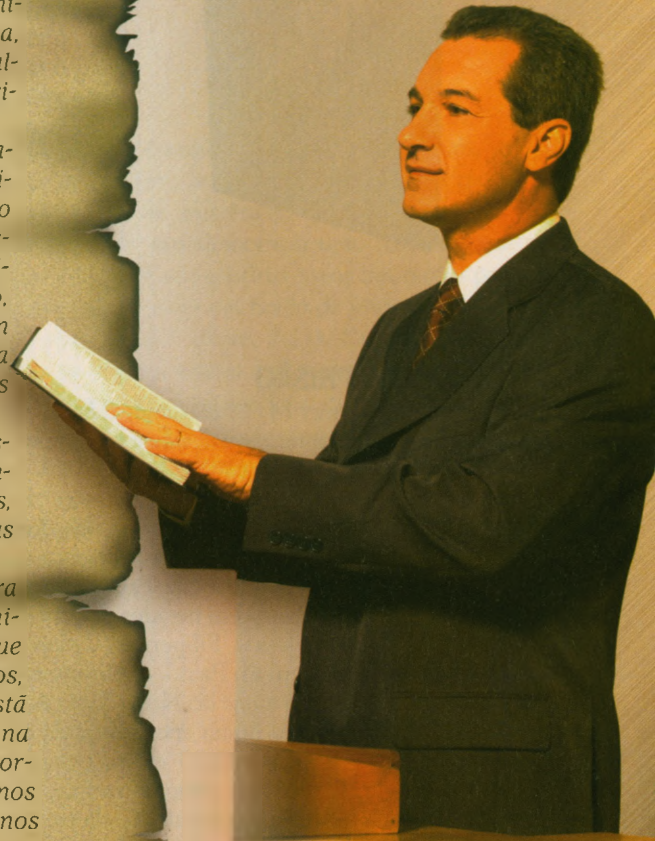
No dizer de Jeremias, “na corrida espiritual, o tamanho da multidão que segue a Cristo não determina o caminho certo. Jesus disse: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida.’ Qualquer que seja o caminho por onde Ele for, devemos segui-Lo. Nossa utilidade no trabalho de Deus diminuirá, quanto mais longe de Jesus estivermos; e aumentará, quanto mais perto dEle nos mantivermos. Habitando nEle, vivendo com Ele, nos tornaremos puros. Permanecendo puros, nos tornaremos vasos que o Espírito de Deus pode encher e capacitar para cumprir Seus propósitos. Na corrida espiritual, é importante olhar à frente e estar seguros de que as pegadas que seguimos são as de Jesus.” – preaching.com

Extensa cadeia de montanhas, nevascas, feras famintas e rios gelados. Esse é o cenário de uma corrida, numa região dos Estados Unidos, em que doze cães puxam um trenó com seu guia, sob as condições mais cansativas e desumanas que alguém pode imaginar. A mais nova campeã dessa corrida é uma mulher chamada Suzana Butcher.

"O segredo, ela diz, é a fixação na vitória e o treinamento a que os cães são submetidos. Tão logo cada animalzinho nasce, ainda sem abrir os olhos, ela sopra no focinho o seu hálito. Desse modo, garante, cada um associará o cheiro ao conforto e encorajamento. Ela alimenta, treina, massageia e, num sistema de rodízio, dorme com cada cãozinho. Também faz curativos em eventuais ferimentos. Suzana conversa com eles e canta para eles. Tudo isso para estabelecer aproximação. E os cães já lhe salvaram a vida mais de uma vez.

"Trata-se de uma grande mulher. Um repórter a descreveu como tendo espinha dorsal inflexível... fixação indomável, necessárias para suportar ataques de animais, nevascas tão severas, que uma vez ela ficou cinco horas sem ver o cão-guia e subitamente caiu na água gelada.

"A vida cristã não é uma corrida passageira. Dura toda a vida, e tem mais perigos e armadilhas que milhares de competições terrestres. É loucura pensar que podemos participar dela desatentos, despreparados, ou com facilidade. A sobrevivência na maratona cristã requer ajuda do alto e robustez interior. Se Suzana Butcher estava disposta a dedicar-se tanto a uma corrida tão sem importância, quanto mais deveríamos nos dedicar, de corpo, espírito e alma, à maratona que nos leva da Terra ao Céu!" - Charles Swindoll, devocional no Seminário Teológico Dallas, 28/09/05

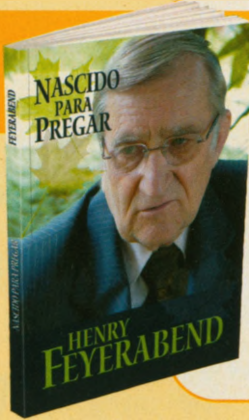


William de Moraes

Humor



Joe McKeever/Haber Pintos



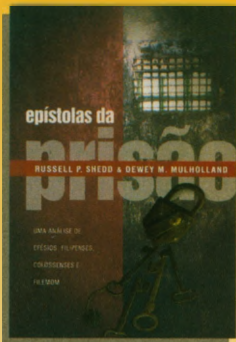
NASCIDO PARA PREGAR

Henry Feyerabend, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 231 páginas;
Tel.: 0800-990606; sac@cpb.com.br

Trata-se da inspiradora autobiografia do evangelista Henry Feyerabend. Com pormenores fascinantes, o Pastor Feyerabend percorre a trilha de sua vida, relatando incontáveis sinais da direção de Deus e um milagre eletrizante após outro. Em meio a experiências no alto da montanha e no fundo do vale, o amor de Henry Feyerabend para com o Senhor e sua dedicação à obra nunca vacilaram. Seu contagiante entusiasmo por Cristo servirá para inspirar você e encorajá-lo a perseverar no chamado de Deus.

EPÍSTOLAS DA PRISÃO

Russell P. Shedd e Dewey M. Mulholland; Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 320 páginas; www.vidanova.com.br



Uma exposição das quatro cartas tradicionalmente associadas ao período em que Paulo esteve preso em Roma em meados do primeiro século: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon. Paulo, o maior e mais prolífico autor do Novo Testamento, escreveu numa época da vida em que seu pensamento e seu coração pastoral haviam atingido os mais altos níveis de maturidade. Cada trecho deste livro é uma fonte de inspiração.

PENSE BIBILICAMENTE

John MacArthur, Editora Hagnos, São Paulo, SP, 541 páginas;
hagnos@hagnos.com.br



Aquilo que pensamos molda o que somos. Em um mundo onde diferentes vozes competem por nossa lealdade, devemos aprender a distinguir entre o bom e o mau. Com isso em mente, John MacArthur apresenta modelos para cultivarmos uma postura bíblica na adoração, na psicologia, na gramática, na ciência, na história, no governo, na educação, na economia e na literatura. Este livro se provará útil para que todos nos empenhemos em pensar biblicamente.

VEJA NA INTERNET **Compras online**

Comprar livros, CDs e outros artigos religiosos *online* é uma experiência cada vez mais comum. Para livros estrangeiros, pode ser o jeito mais prático e rápido de adquirir. Basta ter um cartão de crédito internacional e comprar através de sites bem conceituados e seguros. Em se tratando de publicações adventistas, há um *Adventist Book Center* (que corresponde ao SELS daqui) no seguinte endereço: www.abcasap.com Aceita cartões Visa e Mastercard, mas não calcula imediatamente o preço do envio para o Brasil. Dois sites evangélicos bem tradicionais estão em: www.christianbook.com (esse tem grande variedade, um sistema avançado de buscas e envia um catálogo bimestral, caso seja solicitado) e www.kregel.com (esse vende também livros usados). – Márcio Dias Guarda





Ranieri Sales

Secretário ministerial
associado da Divisão
Sul-Americana

UM GRITO DE VITÓRIA

Existe um episódio na vida do apóstolo Paulo com o qual todo ser humano pode se identificar. E aí são incluídos os pastores que, mesmo chamados por Deus como ministros do evangelho, também são ovelhas sujeitas às mesmas limitações e fraquezas dos seus semelhantes. Refiro-me àquela passagem em que Paulo expressa, de forma dramática, o conflito entre sua vontade de andar nos caminhos de Deus e sua natureza carnal, que o impulsionava para o mal. “Porque não faço o bem que prefiro”, diz ele, “mas o mal que não quero, esse faço” (Rom. 7:19).

Que luta! Que drama! Que angústia! Que frustração! Quantas vezes você já se encontrou na mesma situação? Nós, pastores, carregamos um peso extra de responsabilidade. As pessoas nos vêem como super-homens, supercristãos. E a verdade é que nós mesmos temos a consciência de que devemos e precisamos ser um exemplo de cristianismo. “Torna-te padrão dos fiéis”, é a admoestação da Palavra de Deus (I Tim. 4:12). Acontece que, na vida real, freqüentemente descobrimos que nos falta poder para agir como queremos, e acabamos frustrados, derrotados, desanimados.

O problema é que quando nos encontramos em situações de fracasso, perplexidade e até de pecado, somos tentados a esquecer tudo o que Deus pode fazer por nós e, então, nos entregamos ao desalento. A noção da misericórdia de Deus e da abrangência do perdão que Ele oferece é algo que me tem ajudado a encontrar forças e motivação nas situações mais críticas da vida.

Caso você tenha o coração ferido, a consciência perturbada e um profundo sentimento de derrota, lembre-se de que “...não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, Ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Heb. 4:15). Por mais que Deus tenha sonhos maravilhosos para nossa vida e nosso ministério, Ele sabe quem somos. Sabe que por trás da casca exterior há um coração com uma história única de vida. Um coração que talvez carregue marcas de uma educação deficiente,

traumas de infância, complexos, feridas emocionais, de algumas tendências que, às vezes, são mais fortes que a razão e a capacidade de resistência.

O texto de Paulo nos descortina uma realidade extraordinária. Ele expõe seu conflito e suas limitações pessoais, mas em seguida solta um brado de vitória: “Graças a Deus por Jesus Cristo” (Rom. 7:25). Cristo é a única possibilidade de obter a vitória diante dos conflitos espirituais. Em Cristo, a paz e o equilíbrio interior podem ser realidade em sua vida. Ele não apenas entende seus dramas; sabe lidar com eles. Cristo não somente está disposto a perdoar seus pecados, por mais grosseiros e ofensivos que sejam. Também pode fazer de você um vitorioso.

Há uma declaração de Ellen White que me tem ajudado e motivado a buscar a Deus com intensidade cada vez maior, na certeza de que Ele pode me socorrer em minhas fraquezas:

“O cristão alcança a vitória sobre os pecados que o espreitam, sobre suas paixões. Há remédio para o coração enfermo de pecado. Esse remédio está em Jesus. Precioso Salvador! Sua graça é suficiente para o mais fraco dos seres; e o mais forte precisa também possuir

Sua graça, do contrário perecerá.

“Vi como essa graça pode ser obtida. Vão ao seu quarto e, ali a sós, roguem a Deus: ‘Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto.’ Sejam fervorosos, sejam sinceros. ‘A oração’ fervorosa ‘pode muito em seus efeitos’. À semelhança de Jacó, lutem em oração. Angustiem-se. Jesus, no jardim, suou grandes gotas de sangue; vocês devem fazer um esforço. Não deixem seu aposento enquanto não se sentirem fortes em Deus; então, vigiem, e enquanto vigiarem o orarem ser-lhes-á possível manter em sujeição esses maus assaltos, e a graça de Deus pode e há de aparecer em vocês.” – *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 1, pág. 158.

Querido pastor, quanto mais desesperadora for a condição do pecador que vai a Cristo em busca de socorro, tanto maior será a expressão de Sua misericórdia, e a atuação de Seu poder transformador.

“Graças a
Deus por
Jesus Cristo”

Passeie por belas paisagens, em seus momentos de louvor, com os DVDs do Hinário Adventista



Adquira
hoje os seus!

DVDs do Hinário Adventista - vols. 1 ao 9

Contém hinos ilustrados com belas imagens da natureza, gravadas em diversas regiões do Brasil. Ótima qualidade de som e imagem, menu interativo e acesso imediato ao hino desejado são alguns dos recursos que darão mais brilho aos momentos de louvor em família ou em pequenos grupos. Comece hoje mesmo a sua coleção!

Vol. 1: cód. 8201
Vol. 2: cód. 8202
Vol. 3: cód. 8203
Vol. 4: cód. 8204
Vol. 5: cód. 8205
Vol. 6: cód. 7834
Vol. 7: cód. 8637
Vol. 8: cód. 8638
Vol. 9: cód. 8639

Ligue
0800-990606*

Acesse
www.cpb.com.br

Faça seu pedido no
SELS de sua Associação

ou dirija-se a uma das
Lojas CASA EDIÇÕES



*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.